



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – IFCH
Departamento de História

Jean de Oliveira Quinelato

É jogo de malandro e de trabalhador
Jogadores de futebol e suas representações na década de 1930

Rio de Janeiro

2018

Jean de Oliveira Quinelato

**É jogo de malandro e de trabalhador: jogadores de futebol e suas representações
na década de 1930**

Monografia de graduação apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Bacharel em História.

Orientadora: Prof^aDr^a Renata Figueiredo Moraes

Rio de Janeiro

2018

Dedico este trabalho a todos os professores que passaram em minha vida, especialmente àqueles que acreditam na educação como forma de emancipação e transformação do ser humano.

Agradecimentos

Aos meus pais, Maria Gomes de Oliveira e Pedro Paulo Quinelato, por me ajudarem e me apoiarem sempre tanto no dia-a-dia quanto na minha educação.

À minha companheira de todos os dias, Angelica Nicacio Rodrigues, por ter tido paciência de me ouvir reclamando durante todo esse período de graduação e estar ao meu lado quando precisei.

Aos meus amigos de graduação, que tive muita sorte de encontrá-los e poder contar com eles durante esses anos de tantos trabalhos, além das conversas que fizeram dias difíceis se tornarem mais fáceis :João Paulo Parracho, Rafael da Silva Machado, Viviane Gomes Ribeiro e Wallace Alves dos Santos.

À professora Carla, cujo sobrenome não sei, que me fez perceber o quanto eu gostava de História ao me dar duas notas baixas em sua matéria na quinta série e me deixar com raiva por tê-las tirado em algo que eu gostava tanto.

Ao Carlos Henrique de Oliveira por ter dado grande aulas durante meu ensino médio e por ter tido a oportunidade de revisitá-las em um dos tantos estágios da UERJ.

Aos professores de graduação, que mesmo não tendo muito contato, contribuíram muito em minha formação. Agradecimentos especiais a Raphael Bispo, por ter feito da antropologia a minha primeira paixão no curso de História. A Laura Nery, que conseguiu me fazer gostar de alguma coisa relacionada à França quando eu mesmo já tinha desistido. A Carlos Eduardo Pinto, por reforçar no curso de Brasil V a minha preferência pelo tema e contribuir com a minha decisão de pesquisá-lo. Ao Hilton Meliande, professor do CAP UERJ, que em pouco tempo de estágio contribuiu muito na minha formação de professor.

À Renata Moraes, minha orientadora, por ter me ajudado muito nesse processo de escrita da monografia, pelas conversas, incentivos e pelas aulas.

A todos os funcionários da UERJ, que a tornam possível, mesmo quando o descaso e o desmonte da educação pública fazem com que tudo seja mais difícil. Enfim, a UERJ resiste.



Resumo

O presente trabalho tem como objetivo analisar a construção de um ídolo popular, Leônidas da Silva, e seus contrapontos durante a década de 1930 sob o governo de Getúlio Vargas. Para isso a monografia perpassa a questão do trabalho, muito cara ao regime da época, e que tem paralelos com o processo de profissionalização do futebol. Em um momento de reconstrução do significado da palavra “trabalho” e do que é ser trabalhador, o governo Vargas elege certos atributos como necessários para o homem novo, aquele que se apresenta como o cidadão ideal, tornando impreterível a eliminação daquilo que não se encaixa nesse modelo. No entanto, a antítese do trabalhador, o “malandro”, compõe signos e ideias há muito tempo presentes na sociedade brasileira e que através de figuras populares de sambistas e jogadores de futebol se mostram como uma chave de compreensão dos anseios e necessidades da classe trabalhadora.

Palavras-chave: Futebol. Getúlio Vargas. Leônidas da Silva. Trabalho. Malandro.

Lista de Imagens

Imagem 1 - Getúlio Vargas desfilando em 1º de Maio de 1944 no Estádio do Pacaembu	24
Imagem 2 - Manchete de primeira página sobre as negociações acerca da pacificação	28
Imagem 3 - Primeira página do <i>Jornal dos Sports</i> um dia após a conquista do terceiro lugar no mundial sobre a equipe da Suécia por 4x2	31
Imagem 4 - O candidato dos fãs cariocas	49
Imagem 5 - Visita de Leônidas (na primeira fileira o segundo da esquerda para a direita, de terno escuro) ao centro de detenção para a distribuição de cigarros Magnólia.....	53
Imagem 6 - Leônidas (primeiro à direita) visita a pensão da família Figueiredo em Piedade, onde uma de suas urnas foi inaugurada	53
Imagem 7 - Foto tirada em um treino para a preparação para a Copa do Mundo de 1938 em Caxambu. Hércules é o que está amarrando os cadarços, o terceiro da esquerda para a direita agachado. Leônidas é o segundo da direita para a esquerda agachado	54
Imagem 8 - Foto em um navio na Copa de 1938. Domingos é o primeiro da esquerda para a direita	54
Imagem 9 - Multidão recebe os jogadores brasileiros no Rio de Janeiro na volta para casa após a conquista do terceiro lugar em 1938.....	55

Lista de abreviaturas e siglas

AMEA – Associação Metropolitana de Esportes Athleticos

APEA – Associação Paulista de Esportes Atléticos

CBD – Confederação Brasileira de Desportos

DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda

FBF – Federação Brasileira de Futebol

FIFA – Federação Internacional de Futebol

LCF – Liga Carioca de Futebol

SUMÁRIO

Introdução	9
Capítulo I – Futebol e década de 1930: Uma breve discussão	11
Capítulo II: Cultura, esporte e identidade nacional	21
2.1 – Brasil: década de 1930	21
2.2- O processo de profissionalização.....	25
2.3- A Copa de 1938	29
Capítulo III: Leônidas, o jogador e suas representações	32
3.1 - Das peladas no subúrbio carioca às canchas francesas	32
3.2 - Mito, herói, ídolo e malandro	38
3.3 - Entre o apito da fábrica e do juiz: Domingos da Guia	42
3.4 - Hércules e o concurso Magnólia.....	45
Conclusão	50
Imagens	53
Fontes	56
Referências Bibliográficas	57

Introdução

O futebol é um tema bastante debatido no dia-a-dia do brasileiro. Fala-se sobre as novas contratações dos clubes, sobre os últimos e próximos jogos, sobre a derrota do time rival, sobre as torcidas organizadas, etc. Ou seja, o debate vai muito mais além do que o jogo em si. Além da área jornalística e das conversas cotidianas das pessoas, o futebol também vem sendo debatido e estudado dentro da academia, sobretudo no campo das ciências humanas.

O presente trabalho tem por objetivo contribuir para a discussão sobre o esporte mais famoso do mundo. O recorte temporal escolhido é a década de 1930, com enfoque em pessoas que vivem na então capital do Brasil, Rio de Janeiro. Esse estudo busca analisar o processo de profissionalização do futebol e as novas ideias acerca do trabalho ligadas ao período varguista. Dentro desse contexto, alguns jogadores de futebol tornaram-se personificações de valores que circulavam na sociedade envolvendo a questão do trabalho. Domingos da Guia¹ e Leônidas da Silva² representavam no imaginário da época as figuras do “trabalhador” e do “malandro”, respectivamente³.

Sendo ambos os jogadores oriundos do subúrbio do Rio de Janeiro, negros e de grande destaque em seus times e na seleção nacional, tornam-se, portanto, importantes objetos de estudo para a compreensão desse processo. Não diminuindo a importância e a grandeza do jogador Domingos, o estudo focará mais nas fontes sobre Leônidas. Isso se dá em razão de ele ser associado a um arquétipo totalmente oposto a ideologia do regime e, mesmo assim, se tornar o grande ídolo do povo brasileiro.

Leônidas da Silva é um personagem já estudado na historiografia futebolística. Denaldo Alchorne de Souza reserva uma parte de seu livro *O Brasil entra em campo!* para a análise desse jogador tão envolto de polêmicas e histórias. Leonardo Affonso de Miranda

¹Domingos da Guia começou a sua carreira no Bangu, clube da Zona Oeste do Rio de Janeiro, em 1929. Em pouco tempo já era considerado o melhor defensor das Américas. Teve grandes passagens pelo Bangu, Nacional, Boca Juniors, Vasco da Gama e Flamengo na década de 1930, além da seleção brasileira. Ver: SOUZA, Denaldo Alchorne de. *O Brasil entra em campo!: construções e reconstruções da identidade nacional no Brasil (1930-1947)*. São Paulo: Annablume, 2008, p.114 e seg.

²Leônidas da Silva começou a carreira de jogador profissional em 1929 pelo SyrioLibanez em 1929 e durante a década de 1930 acabou jogando em vários clubes, muitas vezes por causa de seu temperamento forte. Bonsucesso, Peñarol, Vasco da Gama, Botafogo e Flamengo foram os destinos do jogador durante a década de 1930. Durante a segunda metade da década, viu sua popularidade crescer a níveis internacionais com a Copa do Mundo de 1938 e se tornando um dos melhores jogadores do mundo. Ver: RIBEIRO, André. *O Diamante Eterno: Biografia de Leônidas da Silva*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Gryphus, 1999.

³SOUZA, *op. cit.* p.134-140.

Pereira na sua tese *Footballmania* também chega a mencioná-lo inúmeras vezes ao falar do processo de profissionalização do esporte no Brasil. Além da área historiográfica, também é possível encontrar material biográfico do jogador, como o livro *O Diamante Eterno* de André Ribeiro.

O primeiro capítulo servirá de introdução ao tema, às perguntas e à apresentação teórica que servirá de apoio. No segundo capítulo busco contextualizar a discussão escrevendo sobre o período varguista, as ideias que dão base para o sistema e como isso se relacionam com o futebol. No terceiro capítulo as luzes se viram para o personagem principal desse trabalho que é Leônidas da Silva. Apesar de meu recorte de fontes ter privilegiado os anos de 1935-1938 (até a Copa do Mundo), avançarei e recuarei um pouco no tempo com ajuda de uma historiografia selecionada.

Capítulo I – Futebol e década de 1930: Uma breve discussão

A bola o procura, o reconhece, precisa dele. No peito de seu pé, ela descansa e se embala. Ele lhe dá brilho e a faz falar, e neste diálogo entre os dois, milhões de mudos conversam. Os Zé Ninguém, os condenados a serem para sempre ninguém, podem sentir-se alguém por um momento, por obra e graça desses passes devolvidos num toque, essas fintas que desenham zes na grama, esses golaços de calcanhar ou de bicicleta: quando ele joga, o time tem doze jogadores. *Eduardo Galeano*⁴

Apesar de vários historiadores, como Angela de Castro Gomes⁵ e Jorge Ferreira⁶, terem estudado o período e mostrado que havia um grande jogo de forças e trocas entre o Estado e os trabalhadores, desconstruindo a imagem de que Vargas “dava” benefícios às classes populares, uma narrativa contrária ainda resiste no imaginário da sociedade. É comum ouvir das pessoas a reprodução de um discurso que não só apaga a participação do povo na luta pela conquista de direitos, mas que também inferioriza qualquer coisa que se mostre como popular.

Renato Coutinho escreve que o futebol pode representar tanto consenso, quanto conflito, e que como um terreno em constante disputa, mesmo que um governo autoritário pretenda orquestrar essa reunião de pessoas visando a sua dominação, isso não ocorrerá exatamente como o planejado⁷. Exemplos de contestação da ordem dentro do campo futebolístico não faltam: a democracia corinthiana, as manifestações da torcida do Flamengo

⁴GALEANO, Eduardo. O Ídolo. *Futebol ao sol e à sombra*. Porto Alegre: L&PM, 2015, p.13.

⁵GOMES, Angela de Castro. *A invenção do trabalhismo*. Rio de Janeiro: FGV, 3ª Ed. 2005.

⁶FERREIRA, Jorge. *Trabalhadores do Brasil: O imaginário popular (1930-1945)*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2011.

⁷COUTINHO, Renato Soares. *Um Flamengo grande, um Brasil maior: o Clube de Regatas do Flamengo e a construção do imaginário político nacionalista popular (1933-1955)*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2014, p.154.

contra Maluf⁸ ou até mesmo a resistência das línguas basca, catalã e galega nas arquibancadas durante a proibição das mesmas na ditadura franquista⁹.

Dentre os conceitos e teóricos que busco utilizar para desenvolver a pesquisa, Roger Chartier e Carlo Ginzburg são os que norteiam o campo teórico. Um dos conceitos que aplicarei será o de representação. Como representação, Chartier apresenta dois caminhos que os sentidos podem apresentar. Exibindo um objeto ausente que é substituído por uma imagem capaz de reconstituí-lo na memória ou exibindo uma presença, como a apresentação pública de alguém ou algo. Os grupos que constituem o mundo social são os que forjam as representações dele. Assim em um mesmo período temos uma gama de representações sociais, cada classe elaborando ao seu modo o real, que visa sempre o universal, mas que é determinado pelos interesses de grupos¹⁰.

Quanto a Carlo Ginzburg, aplicarei seu conceito de circularidade cultural. Ele aponta para a relação de trocas entre a cultura popular e a dominante, descrevendo o conceito como um relacionamento circular feito de influências recíprocas, que se move de baixo para cima, bem como de cima para baixo¹¹. Dialogando com as considerações desses autores, leva-se aqui em conta que a construção de uma cultura esportiva nacional advenha de um processo de trocas e disputas de forças, e não apenas de uma imposição “de cima para baixo”. Ou seja, uma troca de influências recíprocas, das classes dominantes para as populares e vice-versa.

Se tomo emprestado a circularidade cultural de Ginzburg, também utilizarei como referencial sua abordagem de micro-história¹². Em seu livro *O Queijo e os Vermes*, Ginzburg analisa a trajetória de um moleiro friulano e de sua cosmogonia para entender aspectos da cultura popular na Europa pré-industrial. Ou seja, ele parte de um indivíduo para conceber uma hipótese mais geral da sociedade. Em uma direção parecida, centralizo também a minha análise em um personagem, Leônidas da Silva, em um espaço-tempo reduzido, tentando através dos caminhos traçados por ele buscar responder algumas problemáticas levantadas nesse trabalho.

No entanto, também utilizarei de uma abordagem mais macro ao estudar esses anos escolhidos. A partir da historiografia que trata os anos 1930 correlaciono o período com a análise do indivíduo Leônidas da Silva. Assim, tento entender como o ofício de jogador de

⁸*Ibid.*

⁹FIGOLS, Víctor de Leonardo. O estádio como espaço de afirmação do nacionalismo catalão. *Projeto História*, São Paulo, n. 49, p. 347-379, abril 2014.

¹⁰CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, p.20.

¹¹GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p.12-19.

¹²*Ibid.*

futebol era tratado na época e quais eram as concepções a favor e contra o jogador profissional. Sobre as ideias favoráveis, questões como o tipo de comportamento esperado de um atleta profissional e como ele se insere no projeto de sociedade que se espera construir pela ideologia de Vargas fazem parte da reflexão do texto e se relacionam com Leônidas.

Os anos 1930 marcam a consolidação do futebol como um esporte de massas e uma ascensão de governos autoritários no poder. Se no mundo acontecia a ascensão do nazifascismo, no Brasil Getúlio Vargas tomava o poder com um governo centralizador em 1930 que culminaria na consolidação de seu projeto autoritário em 1937 com o Estado¹³. É também nessa década o início do torneio da Copa do Mundo. A primeira edição ocorre no Uruguai, em 1930, seguido da Copa na Itália, em 1934 e na França, em 1938. Depois dela, doze anos se passariam sem a competição em decorrência da Segunda Guerra Mundial.

Até 1930 o futebol era tratado sem muito interesse pelos políticos, porém é nessa década que esse olhar perante o jogo muda. Souza cita Hobsbawm para falar do grande instrumento nacionalista que o esporte bretão tem sobre a sociedade:

a imaginária comunidade de milhões parece mais real na forma de um time de onze pessoas com nome. O indivíduo, mesmo aquele que apenas torce, torna-se o próprio símbolo de sua nação¹⁴.

Assim, a seleção nacional vira um espelho da nação e sua vitória representa a vitória de uma raça inteira sobre a outra.

As questões em torno do trabalho eram centrais para Vargas. Assim, há um grande esforço na direção de mudar as noções e associações que envolviam esse tema pelo governo, principalmente no Estado Novo. O país tinha vivido praticamente quatro séculos sob o regime escravista e por isso o imaginário do trabalho físico ainda estava atrelado ao escravo. Angela de Castro Gomes explica que essa associação do ato de trabalhar com riqueza e cidadania nunca estivera presente no país, logo produzir uma identidade social e política para o trabalhador era um empreendimento que exigia muito esforço. Para a autora, o governo entendia que o meio para a superação dos graves problemas socioeconômicos do país era o de assegurar a essa população uma forma digna de vida e que isso passava pela transformação do

¹³GOMES, Angela de Castro. *op.cit.* p.191.

¹⁴SOUZA, Denaldo Alchorne de. *O Brasil entra em campo!:* construções e reconstruções da identidade nacional no Brasil (1930-1947). São Paulo: Annablume, 2008, p.25 apud HOBBSAWM, Eric. *Nações e Nacionalismos desde 1780*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981, p.171.

homem em cidadão/trabalhador, responsável por sua riqueza individual e também pelo conjunto da nação¹⁵.

Denaldo Alchorne de Souza escreve que no final do século XIX e início do XX, o cuidado com a aparência física por parte dos homens começa também a se transformar. Se antes o esforço físico, ser bronzado e musculoso eram características do mundo do escravo, aos poucos eles vão se desligando dele e vários esportes começam a ser praticados por jovens de nível social destacado, no mais puro amadorismo¹⁶.

No meio das discussões sobre eugenia, as associações desportivas no Brasil nascem no seio das classes mais abastadas de forma amadora, ou seja, se jogava por amor ao clube, à pátria, etc. Porém, no decorrer da primeira metade do século XX pobres, negros, mulatos, e todas as classes sociais se interessam pelo esporte, e conseqüentemente também começam a praticá-lo. Assim, começa o “amadorismo marrom”, prática que consistia em clubes pagarem uma quantia, o “bicho”, para os jogadores de seus clubes. Muitos jogadores, provenientes das classes mais altas da sociedade, criticavam a prática, e inclusive recusavam o dinheiro¹⁷.

Na década de 1930 esses embates dentro do *campo esportivo* e do *campo político*, de acordo com Souza, entre o amadorismo e o profissionalismo encontraram o seu ponto máximo até o futebol profissional se firmar de vez. O aumento da população nas cidades (o Rio de Janeiro passa de 691.565 habitantes em 1900 para 1.896.998 em 1930), a ampliação das transmissões radiofônicas e a circulação de vários periódicos (destaque para o *jornal dos sports* fundado em 1931) ajudam o futebol a virar parte do cotidiano do carioca.¹⁸ Com isso, cada vez mais pessoas das “classes subalternas” adentram no esporte, já que sendo atletas profissionais podem não somente viver unicamente do futebol, como também vêem nele uma oportunidade de ascensão sócio-econômica.

José Sérgio Leite Lopes destaca a importância dos grandes jogadores da década de 1930 para a constituição do futebol como esporte “nacional”. Enquanto grandes jogadores brancos acabaram por tentar a vida fora do país, principalmente na Itália, poucos jogadores negros conseguiam se integrar ao futebol do exterior. Domingos talvez seja um caso de jogador negro de sucesso na Argentina e no Uruguai, mas exemplos de outros não-brancos que foram e voltaram logo ao Brasil não são raros, inclusive Leônidas. Para Lopes “os negros são como que condenados ao sucesso ‘local’” a serem grandes jogadores locais, a serem os

¹⁵GOMES, Angela de Castro. Ideologia e Trabalho no Estado Novo. In: PANDOLFI, Dulce. (Org.) *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999, p.55; 66-67.

¹⁶SOUZA, *op. cit.* p. 28.

¹⁷*Ibid.*, p.31.

¹⁸*Ibid.*, p.30-32.

grandes jogadores do Brasil”, ou seja, não fazerem sucesso fora do país de origem ¹⁹. Assim, o futebol tinha sentidos e limites diferentes de acordo com a etnicidade do atleta.

A miscigenação também é de grande destaque quando se fala do estilo brasileiro de se jogar. Se a arte e a criatividade na hora da partida eram (ou são) atribuídas ao negro e à mestiçagem brasileira, a disciplina e a força moral, aquilo que diziam o negro não possuir, eram atribuídas ao branco e ao europeu. César Gordon Jr. cita o caso da Copa de 1950 e de Barbosa, que foi um dos culpabilizados pela derrota contra o Uruguai no *maracanazo*. Barbosa sofria críticas constantes por ser um goleiro negro, pois era um pensamento recorrente na época que o goleiro deveria ser branco, uma vez que o negro não tinha a estabilidade emocional para a posição de guarda-redes. Ao ser derrotado na final, todas as qualidades atribuídas à mistura racial do brasileiro se voltam contra ele, e logo, tornam-se defeitos²⁰.

Murad cita Gilberto Freyre para falar da constante associação feita do futebol brasileiro com o improviso, o gingado e o drible: "formou-se, de maneira inconfundível, um estilo brasileiro de futebol... Inimigo do formalismo apolíneo, é dionisíaco na sua mobilidade...Caracteriza-se pelo prazer da elasticidade, da surpresa, da retórica, que lembra passado de dança e fintas de capoeira"²¹.O brasileiro e o mestiço são associados às características dionisíacas da paixão, caos, improviso e ao talento individual, encarnado na década de 1930 por Leônidas. Ao passo que quanto mais branco e próximo de uma etnia caucasiana e europeia, mais racional e equilibrado o jogador e o estilo de futebol, ou seja, mais apolíneo.

Essa dicotomia de apolíneo-dionisíaco não só guardava fortes relações com a cor da pele e a nacionalidade na década de 1930 como ainda é possível ver essa narrativa sendo reproduzida hoje em dia. Domingos era considerado um apolíneo, “Divino Mestre”, racional, extremamente técnico, como dizem ainda hoje em dia: “Jogava de terno”. Não só suas qualidades dentro de campo eram elogiadas, como elas normalmente ganhavam respaldo de

¹⁹LOPES, José Sérgio Leite. Classe, etnicidade e cor na formação do futebol brasileiro. In: BATALHA, Claudio H.M.; da SILVA, Fernando Teixeira; FORTES, Alexandre (Org.). *Culturas de Classe: Identidade e Diversidade na Formação do Operariado*. São Paulo: Editora Unicamp, 2005. p. 143.

²⁰GORDON JUNIOR, Cesar. História social dos negros no futebol brasileiro. *Pesquisa de Campo/ Revista do Núcleo de Sociologia do Futebol*. Rio de Janeiro, UERJ, n.2, p.71-90, 1995.

²¹MURAD, Maurício. Corpo, Magia e Alienação - O negro no futebol brasileiro: Por uma interpretação sociológica do corpo como representação social. *Pesquisa de Campo/ Revista do Núcleo de Sociologia do Futebol*. Rio de Janeiro, UERJ, n.0, pp. 71-78, 1994 Apud FREYRE, Gilberto. *Sociologia*. Rio de Janeiro, 1945.p. 421-422.

sua personalidade fora de campo, um *gentleman* cancha, ou como Souza escreve que falavam nos círculos do botafogo na época: “um negro com alma de branco”²².

Hoje em dia, as supostas qualidades entendidas como intrínsecas ainda guardam resquícios desse pensamento. É recorrente ouvir que os jogadores africanos são ótimos fisicamente, mas que lhes falta técnica. O futebolista brasileiro, ou até mesmo o sulamericano, se torna aquele capaz de lances extraordinários e mágicos, mas que lhe falta disciplina tática. O paraguaio é um ótimo defensor, mas nada além disso. Os times brasileiros buscam na Argentina e no Uruguai jogadores “raçudos” e incansáveis, pois se cristalizou em terras tupiniquins essa representação de nossos rivais sulamericanos. Ou seja, ainda permeiam o imaginário social diversos estereótipos associados a nacionalidades e etnias.

Maurício da Silva Drumond Costa explica que as constantes ofertas aos jogadores brasileiros para jogar no exterior e o baixo poder econômico dos clubes são alguns dos fatores que tornam possível o profissionalismo como o caminho natural para o futebol brasileiro em meados da década de 1930. Os discursos em torno do uso do esporte como entretenimento ou para função cívica se misturam com a imagem do homem trabalhador como o homem ideal brasileiro de Vargas e considerar o jogador de futebol como um verdadeiro profissional passa a fazer mais sentido. O amadorismo marrom já era público e notório e fazia cada vez menos sentido fingir que não se recebia para jogar²³.

O Presidente Vargas se mostrava preocupado com a preparação de uma nova geração de brasileiros e com a formação de um “homem novo”, moldado por uma “nova cultura”, a oficial do Estado Novo. A juventude é tema recorrente em seus discursos ligados ao esporte e à “nova” formação cultural advinda do regime. Para os ideólogos do governo, a função primordial do esporte era a sua capacidade de aprimoramento e fortalecimento do que se referiam como raça nacional²⁴. Souza complementa o pensamento de Drumond escrevendo que de acordo com o discurso oficial do regime os esportes eram importantes para a educação moral e cívica e para a formação eugênica do país²⁵.

Voltando um pouco para a questão do trabalho, Gomes escreve que essa sua revalorização passa pela concepção de que não se trabalhava simplesmente para “ganhar a

²²SOUZA, Denaldo Alchorne de. *op.cit.*p.135

²³DRUMOND, M. Os gramados do Catete: futebol e política na Era Vargas (1930-1945). In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SANTOS, Ricardo Pinto dos (orgs.). *Memória Social dos Esportes – Futebol e Política: a construção de uma identidade nacional*. Rio de Janeiro: Mauad Editora / FAPERJ, 2006, p.116.

²⁴*Idem. Estado Novo e Esporte: Uma análise comparada dos usos políticos do esporte nos regimes de Getúlio Vargas e Oliveira Salazar (1930-1945)*. 2013.222f. Tese (Doutorado em História Comparada) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

²⁵SOUZA, *op.cit.* p.84.

vida”, mas, sobretudo para “servir à pátria”. O país vinha acima do indivíduo. Ou seja, o trabalho precisava ser visto como um ato de criação fundamentalmente humano; um ato de dignificação e espiritualização do homem, pelo qual ele se integrava à sociedade em que vivia²⁶. O trabalhador passa a ser o ideal do homem brasileiro. Eles eram mencionados como “dotados de ânimo”, interesse e capacidade. “Ser trabalhador era ganhar o atributo da honestidade, que neutralizava em termos de honra o estigma da pobreza. Pobre, mas trabalhador, isto é, um cidadão digno dentro do Estado nacional”²⁷.

Com esse ideal em mente, é compreensível que certos “heróis” sejam fabricados ou elegidos pela imprensa e pelo governo. É o caso do já citado Domingos da Guia, zagueiro que começou no Bangu e jogou em diversos outros clubes como Vasco, Boca Juniors, Flamengo e seleção brasileira. Todas as características valorizadas pelo Estado Novo, o ideal de “homem novo”, se encontravam em Domingos. Assim, era comum ver seu nome exaltado nos periódicos, principalmente naqueles alinhados com o regime. Porém, apesar da habilidade do jogador, Leônidas é quem fora “escolhido” como o favorito da nação.

O problema do “Diamante” com o Botafogo não era somente por ser negro. Os dirigentes diziam que não tinham nada contra os negros. O problema era o “tipo” de negro. Veja-se, por exemplo, o caso de Domingos da Guia. Era tão negro quanto Leônidas. Era pobre e vinha do subúrbio. Porém, ele era educado e respeitador. Para os dirigentes, significava que o jogador “sabia com quem estava falando”. Domingos era discreto. Quando acabavam os jogos ou os treinos, ele não ficava bebendo na esquina ou fazendo noitadas, aliás, muito trabalhador. Ele não reclamava dos treinos e nem se importava se tivesse que trabalhar em outro local. O que o preocupava era o seu futuro e de sua família. Com exceção da cor e da origem social, Domingos em tudo se diferenciava de Leônidas. O primeiro era um “gentlemanegro”, o segundo um “moleque safado”; o primeiro um “negro de alma branca”, o segundo era um “preto ladrão”. Se eles pudessem escolher, escolheriam Domingos²⁸.

Ou seja, enquanto Domingos era a síntese do “homem novo”, Leônidas era o arquétipo da figura do malandro. O craque rebelde e malandro era visto como uma ameaça. O jogador tinha que ser educado. O malandro e o subversivo eram modelos contrários ao pretendido. A nação que se pretendia construir era calcada na disciplina e no controle dos corpos²⁹.

Esse arquétipo do malandro permeava a sociedade. José Novaes explica que a malandragem, nas primeiras décadas do século XX no Brasil, deve ser entendida como rejeição ao trabalho e como modo de sobrevivência. Numa sociedade em que milhares de

²⁶GOMES, *op.cit.*, 1999. p.59.

²⁷*Idem, op. cit.* 2005, p.223.

²⁸SOUZA, p.134-135.

²⁹*Ibid.* p.97.

negros, ex-escravos, foram jogados ao mercado de trabalho sem ter a capacidade ou formação para competir com os trabalhadores brancos, a malandragem era uma das estratégias que poderia dar garantias mínimas de vida. Ele continua dizendo que não se poderia esperar que o trabalho fosse considerado uma atividade digna, por isso, não é de se espantar que a figura do malandro se firmasse na sociedade³⁰.

Tal figura perambulava pela sociedade. No samba, a grande maioria dos compositores encarnava o arquétipo do malandro. Ismael Silva, Sinhô, Nilton Bastos e Wilson Batista, por exemplo. Se não o encarnavam, aceitavam sua ideologia, como é o caso de Noel Rosa. Novaes escreve que o governo getulista, tentando impor e implementar seu projeto de construção do país através do trabalho teve que lutar contra esse tipo de vida. Uma das formas era cooptando artistas ao seu favor, regulamentando o carnaval, intervindo com o Estado para que o seu ideal ganhasse apelo à população³¹.

Assim, é possível entender como um jogador como Leônidas da Silva, mesmo envolvido em diversas confusões com seus times, acusado de roubar diamantes³² em uma viagem, considerado rebelde, indisciplinado e perseguido pelos jornais da época, se transforma em herói nacional. Ele era o que representava a transgressão à ordem do Estado Novo, por não aceitar a disciplina imposta de cima, uma das razões para o povo se identificar com ele. O trabalho era associado à opressão e ao desprazer. Não havia diversão. Trabalhar era sobreviver. O dinheiro era parco e as compensações não eram suficientes³³. 

Apesar de esse período ser caracterizado pela regulamentação das leis trabalhistas, não eram raros os casos de jogadores sendo obrigados a excursionar durante as férias e ou jogarem lesionados. Leônidas, mesmo sendo o mais popular atleta da época não deixou de ser multado mais de uma vez por desobedecer a essas determinações. Hilário Franco Júnior escreve que o “Diamante” respondia sempre com uma famosa frase: “jogador não é escravo”. Porém, seu forte posicionamento só reforçava sua fama de rebelde e era muitas vezes chamado de mercenário por dirigentes e jornalistas³⁴.

A figura de Leônidas da Silva então levanta uma série de questionamentos: Por que ele se destacou e virou ídolo do povo brasileiro mesmo sendo o exato oposto das concepções que

³⁰NOVAES, José. Um episódio de Produção de Subjetividade no Brasil de 1930: Malandragem e Estado Novo. *Psicologia em Estudo*. Maringá, v. 6, n. 1, p. 41.

³¹*Ibid.* p.42.

³²RIBEIRO, André. *O Diamante Eterno: Biografia de Leônidas da Silva*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Gryphus, 1999, p.34.

³³SOUZA, *op.cit.* p.139.

³⁴FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A Dança dos Deuses: Futebol, Cultura e Sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p.82.

o Estado Novo concebia como um cidadão ideal? Em uma sociedade que se construía a ideia de que a miscigenação era uma marca positiva e que devia ser exaltada, mas que há pouco tempo praticava um regime escravista, como o elemento da cor de sua pele aparecia atrelado à sua imagem? Em que medida sua vida privada se misturava com a sua vida pública?

A grande parte do período pesquisado trata do tempo em que Leônidas jogou no grande time do Flamengo, conhecido por sua tríade dos grandes atletas negros da seleção³⁵. Em 1936, ele chega ao clube e junto de Fausto³⁶ e Domingos forma o grande trio do time rubro-negro carioca. Nesse momento, o Flamengo também passa por uma reconstrução de sua imagem como um clube popular. Renato Coutinho escreve que

Estava formada a tríade simbólica que serviria como elo entre o Flamengo e as camadas mais populares. Não é demais repetir que nesse período os meios de comunicação difundiam-se e o futebol começava a consolidar a sua vocação midiática. Não havia ainda gerações de torcedores consolidados, que transmitiam a escolha do time de pai para filho. O Flamengo se associou ao discurso da mestiçagem no momento de difusão do futebol como elemento da cultura nacional. Mas isso não significou uma simples identificação dos negros e mestiços com o clube, como se bastassem jogadores negros para que ocorresse a adesão às cores da agremiação. O que se criou com essas contratações dos jogadores foi um canal de diálogo mais amplo entre os valores sociais correntes e a instituição³⁷

Fausto, o negro genial e agressivo; Leônidas, o negro genial e malandro; Domingos, o negro genial e disciplinado. Os três representavam valores de negociação e conflito de tipos mitificados que circulavam no imaginário popular desde a sociedade escravista. “O que o clube fez foi dialogar com esses valores através de um projeto de popularização baseado no reconhecimento e institucionalização dos símbolos que circulavam pela sociedade”³⁸. Assim, nada disso foi imposto à sociedade, já que essas figuras, ou porque não arquétipos, já existiam no imaginário social e o que clube fez foi materializá-los nos três jogadores.

Se os periódicos e a sociedade criam uma imagem de Leônidas, ela também é resultado da contraposição com as representações de outros personagens que habitavam o

³⁵COUTINHO, *op.cit.*, p.81.

³⁶Fausto dos Santos começou sua carreira como volante em 1926 no Bangu. Passou por diversos clubes como Vasco da Gama, Barcelona, Nacional do Uruguai, tendo terminado sua trajetória no Flamengo em 1938. Negro como Leônidas e Domingos da Guia, mas um pouco mais velho que eles, conheceu relativo sucesso ganhando a alcunha de *Maravilha Negra* e disputando a Copa do Mundo de 1930 com o Brasil. Jogador considerado muito temperamental, acabou batendo de frente com o técnico Kurschner no Flamengo e perdendo espaço no time. Pouco depois, em 1939, sua carreira teve um fim trágico por conta de uma tuberculose que o levou a falecer em 28 de março. Ver: SOUZA, *op.cit.* p.109-111; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do Futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)*. 1998. 380 f. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998, p.295 e seg.

³⁷*Ibid.*, p.82.

³⁸*Ibid.*

mesmo terreno que ele. Uma dessas pessoas, sem dúvidas, é Domingos da Guia. Enquanto o “Diamante Negro” é associado à figura do malandro, seu oposto é o cidadão/trabalhador modelo Domingos, que jogou com ele mesmo no Flamengo e nas seleções brasileira e carioca. Um estava sempre associado às características apolíneas e o outro às dionisíacas³⁹. Um era puro sentimento, a “falta de civilidade latina”; o outro era “o Divino Mestre”, o zagueiro centrado e racional.

Além de Domingos, outro jogador que faz um contraponto a Leônidas é Hércules⁴⁰, jogador do Fluminense. A oposição Flamengo e Fluminense se explicava através do *ethos* popular do Flamengo em contraste com o *ethos* elitista do Fluminense⁴¹. Enquanto Leônidas era o principal jogador e atacante do clube rubro-negro carioca, Hércules era não só um destaque do tricolor, mas foi o artilheiro do time nos campeonatos cariocas de 1936-1937 e vice-artilheiro na campanha de 1938, anos em que o Fluminense foi tricampeão da competição⁴². Um vestia as camisas de um clube que se reconstruía como popular e o outro de um clube que ainda se vinculava com elementos simbólicos associados à elite.

Dito isso, me aprofundarei mais na figura de Leônidas e as questões que o envolvem no terceiro capítulo, pois o foco do capítulo que se segue é a década de 1930. Esse período é marcado pela consolidação do profissionalismo, a Copa do Mundo de 1938, o golpe do Estado Novo e o crescente autoritarismo do regime. Tenho como objetivo trazer à discussão as linhas gerais da ideologia do governo, o cidadão idealizado pelo Estado Novo e como o esporte foi utilizado pelo sistema.

³⁹SOUZA, *op.cit.*p.132-135.

⁴⁰ Hércules de Miranda era mineiro, mas começou sua carreira no futebol no São Paulo da Floresta, clube da cidade de São Paulo. Passou a maior parte da carreira no Fluminense, entre os anos de 1935 e 1941, quando foi tricampeão carioca (36-38), além dos campeonatos de 1940 e 1941. Além de um dos principais jogadores do tricolor carioca, Hércules comumente era o artilheiro da equipe. Jogador de ataque e conhecido pelo forte chute, foi um dos convocados para a Copa de 1938. No capítulo 3, levanto uma questão sobre a dúvida em torno da cor de sua pele. Ver: SITE OFICIAL DO FLUMINENSE FC.

Disponível em: <<http://www.fluminense.com.br/sobre/idolos>>. Acesso em 27 set.2018.

; FOLHA ONLINE. Esporte. *Copa 2006: Todos os brasileiros*. 2005. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/folha/especial/2006/copa/todos_os_brasileiros-h.shtml>. Acesso em 27 set.2018.

⁴¹COUTINHO, *op.cit.* p.137

⁴²ASSAF, Roberto; MARTINS, Clóvis. *Campeonato Carioca – 96 Anos de História*. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1997, p.187, 194 e 199.

Capítulo II: Cultura, esporte e identidade nacional

É logo cedo quando o medo vem pra me lembrar/
 Que é dia de trabalho!/ Nó na garganta o galo canta
 e lá vou dançar/ Atrás de quê?/ Salário!/ Eu penso na
 fuga, mas logo me afogo outra vez/ Nesse meu
 calvário!/ Levanta, sacode a carcaça que/ A dança
 não pode parar!/ Trabalha!/ Dando corda nessa
 estúpida engrenagem/ Trabalha!/ Que espreme e
 esgota/A força que te põe de pé/ Trabalha!
 Aniquilando o que é humano/ O que é coragem/ O
 que há de errado? O que será? O que que é?/
 Trabalha!/ Toda fachada esconde a mesma
 humilhação/ Trabalha!/ Terra arrasada onde se
 arrasta a multidão/ (...) Despedaçado, parcelado vai
 teu coração/ Que é uma ferida aberta!/ Se debatendo
 alucinado exposto num balcão/ Entre a demanda e a
 oferta!/ Quem dá mais? Tanto faz, guerra é paz/
 Liberdade é escravidão/ E o trabalho liberta! (...) *El
 Efecto*⁴³



2.1 – Brasil: década de 1930

O período de Vargas no poder, resumidamente, se divide em dois. 1930-1945, o período autoritário, e 1950-1954, o democrático. O primeiro governo, no entanto, também pode ser dividido em duas fases, antes e depois de 1937, que inicia o Estado Novo e o regime se torna mais repressivo e autoritário.

Sem dúvida, ao se falar de período Vargas, um dos temas mais abordados é a censura e a atuação do DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) na sociedade, principalmente na música. O DIP é criado em dezembro de 1939, porém muitas das práticas que se concentraram nele, já existiam. Inclusive outros departamentos atuavam de forma similar anteriormente, como o Departamento Oficial de Propaganda, de 1931, e o Departamento de Propaganda e Difusão Cultural, de 1934.

Um dos pontos que difere o governo Vargas de seus antecessores é a sua atuação no campo da arte popular, principalmente por ter entendido a força e o poder de sugestão que ela possuía. Com ajuda dos meios de comunicação, rádio e imprensa, o regime atuava no sentido



⁴³El Efecto. O drama da humana manada. *Memórias do fogo*. 2018. Disponível em:

<<http://www.elefecto.com.br/discografia/letrasElEfectoMemoriasDoFogo.pdf>>. Acesso em 29 de Set. de 2018.

de promover obras que exaltavam o trabalhador e o enaltecimento das características positivas da nação. A figura do malandro era combatida e repreendida e ideias consideradas subversivas ou prejudiciais ao governo também, enquanto que por meio de concursos, espetáculos e até mesmo no carnaval, os discursos alinhados ao regime eram incentivados. Um exemplo disso na música é o surgimento do samba exaltação, tendo em “aquarela do Brasil” de Ary Barroso, seu principal representante de elogio ao país⁴⁴.

O Samba e o futebol se tornam elementos fundamentais nesse período para uma nova definição de identidade nacional. O samba desce do morro e vai conquistando as classes mais altas, enquanto o futebol vai deixando o amadorismo e sendo tomado pelas classes populares em um processo de circularidade cultural, como diz Ginzburg⁴⁵. Ambos compunham o que era ser brasileiro. E na política getulista, a construção da nação e da nacionalidade brasileira era uma prioridade e um dever patriótico. É claro que esse Brasil almejado não era qualquer um. Por isso não só a arte popular, mas o esporte passa também a ser uma peça fundamental na construção de identidade do povo, pois criava um forte sentimento nacionalista e o governo via nisso um poderoso aliado⁴⁶.

Na década de 1930 há também um crescimento da força do rádio e um aumento de periódicos esportivos. Em 1912, eram 5 jornais dedicados aos esportes, aumentando no início da década de 1930 para 52⁴⁷, mostrando uma demanda crescente por esse setor. Ambos os meios de comunicação tinham força para criarem mitos, heróis e também o contrário, criarem vilões. Um marco importante para o rádio esportivo foi a transmissão da Copa de 1938 direto da Europa para todo o Brasil. Era a primeira vez que isso ocorria e incentivadas pelo governo, as autoridades locais abriram a possibilidade de dispensa do expediente para que os trabalhadores pudessem acompanhar os jogos nas ruas pelos alto-falantes ou rádio de carros. Isso criou uma experiência coletiva, já que o ouvinte do Rio sabia que os de São Paulo também estavam ouvindo, o que tornou a derrota para a Itália ainda mais trágica⁴⁸.

Em épocas de internet, comunicação instantânea com praticamente qualquer pessoa em qualquer lugar do mundo e informação na ponta dos dedos, fica difícil mensurar a

⁴⁴ VICENTE, Eduardo. A música popular sob o Estado Novo (1937- 1945). Versão revisada do Relatório Final da Pesquisa de Iniciação Científica PIBIC/ CNPq realizado na Universidade de Campinas em janeiro de 1994. São Paulo, 2006, p.19.

⁴⁵GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p.12-19.

⁴⁶ DRUMOND, M. Os gramados do Catete: futebol e política na Era Vargas (1930-1945). In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SANTOS, Ricardo Pinto dos (orgs.). *Memória Social dos Esportes – futebol e Política: a construção de uma identidade nacional*. Rio de Janeiro: Mauad Editora / FAPERJ, 2006, p.116.

⁴⁷SOUZA, *op.cit*, p.34

⁴⁸ GUTERMAN, Marcos. O futebol explica o Brasil: Uma expressão da maior expressão popular do país. 1.ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2010, p.82.

importância não só do rádio, mas de uma transmissão ao vivo de futebol vinda da Europa. Hoje, é possível assistir ao campeonato chinês ao vivo, caso alguém, por alguma razão queira. Mas para efeitos de comparação, as transmissões nas rádios chegaram a ser criticadas por “roubarem” o público dos estádios, algo parecido com o que se ouve atualmente em relação às transmissões televisivas⁴⁹.

O futebol igualmente serviu para promover o discurso de harmonia social e democracia racial brasileira. Na Copa Rio Branco de 1932, a seleção brasileira derrotou a bicampeã olímpica e campeã da Copa do Mundo de 1930, a seleção uruguaia, e dois jogadores negros ganharam destaque naquela vitória: Leônidas da Silva e Domingos da Guia. A presença de negros e mulatos na seleção foi utilizada então pela propaganda varguista⁵⁰. Além de servir para divulgar a ideia de democracia racial brasileira, o futebol era visto como uma importante ferramenta para a integração do povo. Getúlio dizia que “A paixão desportiva tem poder miraculoso para conciliar até o ânimo dos integralistas com o dos comunistas, ou pelo menos para amortecer transitoriamente suas incompatibilidades ideológicas”⁵¹.

O governo utilizou-se do futebol na copa de 1938, ano em que Getúlio se aproximou definitivamente do esporte bretão. Alzira Vargas, filha do presidente, foi nomeada madrinha da delegação e uma alta subvenção foi concedida à equipe brasileira para as despesas com o campeonato. Antes do embarque para a França, a seleção foi recebida pelo presidente, que fez questão de dar atenção especial a estrela do time, Leônidas⁵². Outra ligação entre o Estado e o futebol era acerca dos estádios. Vargas entendeu o poder que o estádio tinha sobre a massa, tanto que os discursos de 1º de Maio e das principais datas festivas do regime eram comumente realizados em São Januário⁵³ ou no Pacaembu⁵⁴, em São Paulo.

⁴⁹*Ibid.* p.74.

⁵⁰ DRUMOND, *op.cit.* p.109.

⁵¹SOUZA, *op.cit.* p.72

⁵²DRUMOND, *op.cit.*p.112.

⁵³GUTERMAN, *op.cit.*p.80.

⁵⁴DRUMOND, *op.cit.*p.111.



Imagem 1: Getúlio Vargas desfilando em 1º de Maio de 1944 no Estádio do Pacaembu⁵⁵.

Os esportes também se transformam em importante instrumento auxiliador na formação da juventude brasileira. Homem forte do esporte nacional durante o Estado Novo, João Lyra Filho era grande defensor das práticas esportivas como adestramento do corpo e da saúde e método educativo para os jovens através das regras⁵⁶. Os periódicos *O Globo* e *O Jornal dos Sports* junto ao Flamengo criaram campanhas nacionalistas de fomento à educação esportiva infantil, mostrando alinhamento com esses pressupostos. Inclusive em 1937, o Flamengo lança um filme com seus atletas e tendo no pano de fundo, valores como espírito esportivo e a força da raça brasileira trabalhados⁵⁷.

Para João Lyra Filho, os atletas brasileiros precisavam ser educados, pois eram descontrolados e imaturos. Os esportes deviam servir então como educação cívica e para a construção de uma solidariedade e identidade entre seus praticantes. A presença de regras, de juízes e técnicos que deviam ser obedecidos e de símbolos em comum a serem venerados colocava-os frente a uma realidade disciplinada. Além do civismo, também atuava como educação eugênica, uma vez que o proletário que praticava esporte tinha mais vigor para aguentar a labuta e ao aprimorar a sua força e a sua disciplina, já adiantava o serviço das forças armadas. Logo, a prática esportiva era peça importante para a riqueza da nação⁵⁸.

⁵⁵Imagem disponível em: <<https://www.ludopedio.com.br/arquibancada/getulio-vargas-sao-januario-e-o-1o-de-maio/>> Acesso em: 23 de Agosto de 2018.

⁵⁶DRUMOND, *op.cit.*p.109.

⁵⁷*Ibid.* p.110.

⁵⁸SOUZA, *op.cit.*p.98.

2.2- O processo de profissionalização

O futebol chega ao Brasil como um esporte para as elites, no entanto, com o decorrer do século XX as camadas populares não só viram espectadores, mas adentram a cancha como *sportsmen*. Variáveis explicações são dadas para a ascensão do profissionalismo ante ao amadorismo. Drummond escreve que a época do amadorismo marrom na transição dos anos 1920 para os 1930 foi marcada pelo grande êxodo de jogadores para o exterior. Os que tinham sobrenomes de origem italiana tinham um fácil acesso à terra de Mussolini, enquanto a Argentina, o Uruguai e a Espanha abriam as portas aos demais. Jaguaribe e Fausto são exemplos de jogadores que deixaram o Vasco após uma excursão por Portugal e Espanha⁵⁹. O êxodo de jogadores para o exterior e o baixo poder aquisitivo dos clubes teria tornado o profissionalismo o único caminho possível a ser seguido rumo à modernização do futebol brasileiro. O amadorismo marrom, prática que consistia em pagar uma quantia em dinheiro chamado de bicho aos jogadores amadores, já se tornara algo público e notório, não mais um mecanismo escuso e feito por debaixo dos panos. Ademais, Vargas já estava no governo há anos e a imagem do homem trabalhador era o ideal do homem novo proposto pelo Estado. “A ideia de considerar jogadores profissionais verdadeiros trabalhadores ainda enfrentava grandes barreiras, mas não era mais inconcebível”⁶⁰.

Anatol Rosenfeld acrescenta outras possibilidades de compreensão desse processo. A urbanização dos grandes centros do país, o aumento da industrialização, a luta por reconhecimento econômico e social da população negra e pobre, o desenvolvimento dos meios de comunicação e a transformação dos esportes em grandes espetáculos de massa teriam levado a introdução do profissionalismo em 1933⁶¹. Tal processo levou a uma real ascensão econômica aos negros, porém isso não se mostrou verdadeiro quanto ao reconhecimento social dos mesmos em sua leitura.

Para Marcos Guterman, Vargas se esforçou para estatizar o controle do futebol no Brasil e uma das consequências seria a profissionalização. Segundo o autor, a articulação entre recompensa financeira e os “trabalhadores da bola” era uma maneira de atrair o apoio dos atletas e das classes menos favorecidas ao governo. Esse movimento tinha a função de

⁵⁹DRUMMOND, *op.cit.*p.115.

⁶⁰*Ibid.* p.116.

⁶¹SOUZA, *op.cit.*p.41apud ROSENFELD, Anatol. *Negro, macumba e futebol*. São Paulo/Campinas: Perspectiva/ Edusp/ Editora da Unicamp, 1993, p.73-106.

ampliar a base social do regime e fazer crer, como já foi citado antes, na existência de uma “democracia racial” no Brasil⁶².

Apesar de tudo indicar que a adoção do profissionalismo ajudava na consolidação da ideologia do regime varguista do enaltecimento do trabalho, Souza alerta sobre algumas questões que mostram o contrário. Os ideólogos do regime não concordavam com essa forma de se ver o jogador profissional, pois ele era diferente do trabalhador de carteira assinada. Enquanto o último era considerado um cidadão porque praticava uma atividade construtiva que contribuía no engrandecimento da nação e criava riquezas para a sociedade, o atleta profissional praticava o esporte pelo dinheiro em troca do entretenimento das massas⁶³.

O amadorismo deveria ser incentivado por causa dos benefícios da prática esportiva, enquanto o profissionalismo era no máximo tolerado. O esporte amador era entendido como a forma ideal do espetáculo esportivo, o profissional precisava estar sob constante vigilância. Era papel do Estado disciplinar os dirigentes, os jogadores e a torcida. “Era a disciplina o aspecto mais importante do discurso oficial que tratava dos assuntos ligados ao esporte e à construção da identidade nacional”⁶⁴.

Em 1933, a legislação esportiva que determinava que o futebol era coisa para amadores mudou e passou a aceitar também jogadores profissionais⁶⁵. Contudo, uma grande cisão ocorreu e dois lados se formaram: pró-amadorismo e pró-profissionalismo. Equipes, grandes nomes do país e até mesmo os jornais se dividiram. Enquanto o *Correio da Manhã* e o *Jornal do Brasil* se uniam a Rivadávia, presidente da AMEA⁶⁶, e ao Botafogo, que eram a favor do amadorismo, *O Globo* e o *Jornal dos Sports* se alinhavam ao posicionamento de Arnaldo Guinle, ex-presidente da AMEA e que pertencia a uma das famílias mais ricas e influentes do país, ligado ao Fluminense e a favor do profissionalismo⁶⁷.

As discussões sobre adotar ou não o futebol profissional começaram no mês de Janeiro de 1933 no Rio de Janeiro. Durante cinco meses surgiram vários desentendimentos entre os grupos e de um lado, mantendo a posição firmada meses antes ficaram América, Bangu, Fluminense e Vasco. No outro lado, Botafogo, Flamengo e São Cristóvão decidiram pelo amadorismo. Os amadores continuaram no Campeonato da AMEA, enquanto os que aderiram ao sistema profissional criaram a Liga Carioca de Futebol (LCF). No entanto, o Flamengo depois de duas rodadas no campeonato da AMEA mudou sua decisão e se juntou à LCF,

⁶²GUTERMAN, *op.cit.*p.109.

⁶³SOUZA, *op.cit.*p.92.

⁶⁴*Ibid.* p.90.

⁶⁵GUTERMAN, *op.cit.*p.80.

⁶⁶Associação Metropolitana de Esportes Athleticos.

⁶⁷SOUZA, *op.cit.* p.41-42.

enquanto o São Cristóvão também decidiu deixar o campeonato, mas não se juntando à liga profissional no momento⁶⁸.

Os dois campeonatos paralelos existiram durante os anos de 1933 até 1936, já que em 1937 o dissídio acabou sendo resolvido. Além dessa cisão no Rio de Janeiro, diversas ações semelhantes ao redor do país ocorreram e não se trataram só do futebol. Em São Paulo, a APEA rompeu com a CBD (Confederação Brasileira de Desportos) e se juntou à Federação Fluminense de Football e à Liga Mineira, formando a Federação Brasileira de Football (FBF), responsável também pelo campeonato brasileiro de seleções estaduais. Dessa maneira, havia a CBD, responsável por diversos esportes amadores ao redor do Brasil, ou seja, compondo um sistema misto de esportes, e cada esporte profissional acabou criando sua própria federação, chamadas de “federações especializadas” ou “independentes”⁶⁹.

Até um acordo ser realizado em 1937 alguns episódios foram importantes para culminar nessa resolução. A copa de 1934 e as olimpíadas de 1936 são dois momentos marcantes no esporte para a intervenção do Estado nessa briga. Os embates entre a FBF e a CBD resultam no desastre da Copa do mundo de 1934 na Itália. A CBD era ligada à FIFA, porém os grandes atletas da época estavam filiados aos clubes da FBF. A solução encontrada pela entidade foi contratar os jogadores profissionais dos clubes filiados à FBF. Nada podia ser mais irônico. Jogadores como Waldemar de Brito, Patesko e Leônidas foram alguns que aceitaram o contrato com a CBD. Ao final da copa, esses jogadores por causa de uma cláusula no contrato atuariam no Botafogo, clube que era o bastião do futebol amador. Ou seja, Leônidas, Patesko e Waldemar tinham contratos profissionais para jogar a liga amadora⁷⁰. O amadorismo respirava por aparelhos.

A equipe brasileira faz uma das suas piores participações em copas naquele ano, perdendo na primeira partida por 3x1 para a Espanha, com um gol de Leônidas. A CBD aproveita para realizar diversos amistosos e promover o país e produtos brasileiros, como o café, pela Europa⁷¹. No ano seguinte, 1935, os conflitos entre as federações amadoras e profissionais fazem com que o governo passe a regular o futebol aplicando-lhe regras definidas e utilizadas no controle de outras formas de entretenimento como o teatro. Por exemplo, a Censura ficou responsável por receber o registro dos jogadores e para que eles fossem aceitos o clube precisava obedecer a uma série de normas impostas pelo órgão do

⁶⁸ASSAF, Roberto; MARTINS, Clóvis. *Campeonato Carioca – 96 Anos de História*. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1997, p.156.

⁶⁹SOUZA, *op.cit.*, p.116.

⁷⁰DRUMOND, *op.cit.*p.117-118.

⁷¹SOUZA, *op.cit.*,p.50.

governo. Multas e suspensões a jogadores que não se portavam da maneira estabelecida como adequada durante uma partida podiam ser aplicadas⁷².

No ano de 1936, ocorrem as Olimpíadas de Berlim. Se a Copa já tinha sido um fracasso, a organização para esse evento foi uma catástrofe. As brigas entre as federações especializadas, como a FBF, com a CBD, que tinha todas as modalidades esportivas amadoras no seu controle levou à Berlim duas delegações de cada modalidade esportiva. Ou seja, como não se decidiu quem iria representar o Brasil na competição, o dobro de atletas necessários foi mandado e lá tiveram que decidir quem iria competir. O resultado foi nenhuma medalha conquistada e para o governo brasileiro a constatação de que algo deveria ser feito⁷³.

Em 17 de Julho de 1937, a paz no futebol e nos esportes é selada. Enquanto o governo tentava aprovar uma emenda e intervir nos esportes, dirigentes do Vasco e do América se reúnem para encontrar uma saída para a trégua, e a oficializam. Os clubes então deveriam se filiar à FBF, enquanto os outros esportes às suas respectivas federações especializadas, que por sua vez se filiariam à CBD. A FBF comandaria o futebol nacional e a CBD o futebol internacional⁷⁴. No Rio de Janeiro, os dois campeonatos são dissolvidos e cria-se a Liga de Football do Rio de Janeiro (LFRJ) com todos os principais clubes da cidade⁷⁵.



Imagem 2: Manchete de primeira página sobre as negociações acerca da pacificação⁷⁶.

⁷²DRUMOND, M. *op.cit.*p.119-120.

⁷³SOUZA, *op.cit.* p.56.

⁷⁴*Ibid.* p.57.

⁷⁵ASSAF; MARTINS, *op.cit.*p.190.

⁷⁶*Jornal dos sports*, 17 de Julho de 1938.

2.3- A Copa de 1938

Apesar de a Copa de 1938 ter sido citada algumas vezes, alguns apontamentos ainda precisam ser feitos. Já foi descrito que a relação Estado-Seleção Brasileira tinha se estreitado nesse ano, exemplificados na escolha da filha de Vargas, Alzira, como madrinha da delegação e do dinheiro dado pelo governo para ajudar com a campanha na França. É possível dizer que o governo passou a ver os grandes espetáculos, como a Copa do Mundo e as Olimpíadas como o momento para mostrar as virtudes e as fraquezas da nação.

Segundo Hobsbawm, o time de futebol que representa a seleção inculca facilmente sentimentos nacionalistas nos indivíduos, pois destaca neles aquilo que todo mundo gostaria de ser: bom naquilo que faz⁷⁷. Assim, o torcedor quando vê a seleção está olhando para um espelho e se sente participando dela⁷⁸. Renato Soares Coutinho explica em seu livro que o “ser torcedor” também passa por reformulações nesses anos. Nos últimos anos a ideia de a torcida participar da festa, incentivar o time e “aparecer” começa a ganhar uma aura positiva, diferente do começo da prática do futebol, quando a torcida deveria ser “contida” e se portar como *gentlemen*⁷⁹.

Outro ponto para se atentar é que o *scratch* brasileiro agora se parecia mais com a sociedade brasileira, com jogadores negros e provenientes de todas as classes, trazendo maior identificação do que anteriormente. Os grandes espetáculos esportivos ganhavam cada vez mais elementos simbólicos que aludiam aos elementos nacionais. Eles viravam verdadeiras festas cívicas e funcionavam como uma forma de propaganda dos ideais defendidos pelo regime. Coutinho cita a primeira vez que o hino nacional foi tocado antes de um jogo, em uma partida do Flamengo em 1936 e que logo isso se tornaria parte do espetáculo nos próximos anos. Um fato curioso sobre esse caso é que muitos setores da sociedade eram contra misturar atividades esportivas com cívicas, pois consideravam desrespeitoso, principalmente por parte da elite. A relação entre futebol e nação ainda estava em construção⁸⁰.

Guterman escreve que na França, o Brasil ainda era visto como um país exótico e destaca uma manchete que diz: “Eis os brasileiros, com seu café e seus violões”. Para o autor, o Brasil ainda era o país do café e da música popular e que os franceses estavam sendo

⁷⁷SOUZA, *op. cit.* p.37 apud HOBBSAWM, Eric. *Nações e nacionalismo desde 1780*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990, p.171.

⁷⁸*Ibid.* p.37.

⁷⁹COUTINHO, Renato Soares. *Um Flamengo grande, um Brasil maior: o Clube de Regatas do Flamengo e a construção do imaginário político nacionalista popular (1933-1955)*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2014, p.41-48.

⁸⁰*Ibid.*, p.44

arrogantes, pois o esporte já tinha tomado conta do país⁸¹. No entanto, no editorial do *jornal dos sports*, um pouco antes da Copa, o favoritismo do Brasil para o campeonato é abordado, inclusive alertando para que tomassem cuidado com esse clima otimista. Segundo o texto, a última vez que o Brasil pisou em solo europeu foi em 1934 e os europeus em solo tupiniquim em 1930, logo, as equipes não conheciam o futebol uma da outra e era preciso ficar atento⁸².

Ainda sobre o editorial, é possível saber que a seleção vinha de boa fase e que isso era meio preocupante, já que a seleção só conseguiu bons resultados quando atravessava uma má fase, como a conquista da Copa Rio Branco em 1932, precedida de resultados ruins. Esse pensamento ainda ecoa nos dias de hoje, já que nas vésperas da Copa do Mundo de 2018, se escutava comentários similares sobre o clima de “já vencemos” sobre a seleção de Tite, que vinha em ótima fase e era uma das favoritas à conquista do título.

A mobilização em torno desse campeonato foi muito diferente dos outros. Na Avenida Rio Branco, uma vitrine da *Souza Cruz* exibiu a bola da Copa Rio Branco, em que Leônidas marcou dois gols e fez com que a seleção brasileira vencesse o favorito Uruguai. A memória dessa vitória não só é resgatada nesse momento, como frequentemente Leônidas ganha um aposto de “o herói da Copa Rio Branco” nos anos posteriores à vitória. A campanha do selo também é lançada, o que dava a oportunidade do povo contribuir com a ida da delegação à França⁸³. A primeira irradiação ao vivo da Europa, como já foi citado, também é uma grande novidade e os chamados “churrascos monstros”, que aconteciam para ajudar a delegação⁸⁴.

A população se envolve tanto com o evento que no dia do embarque no Rio de Janeiro, mesmo com forte chuva, milhares de pessoas foram ao cais dar adeus aos jogadores⁸⁵. Por onde passavam eram recebidos pela população local como grandes celebridades. As vitórias na Copa do Mundo criam um clima nunca antes visto no país, o nacionalismo vai a níveis nunca vistos antes. Gilberto Freyre chega a escrever que o Brasil deseuropeizou o futebol e não faltam associações de que as vitórias da seleção brasileira eram também as vitórias da raça e da mestiçagem⁸⁶. Tudo era festa, até o Brasil perder para a Itália.

Em um jogo polêmico, sem Leônidas, com acusações de pênalti de Domingos que supostamente não havia existido, o Brasil é derrotado por 2x1. A população entra em euforia com um boato de que o jogo seria anulado⁸⁷. Porém, nada disso ocorre, a seleção conquista a

⁸¹GUTERMAN, *op.cit.* p.81.

⁸²*Jornal dos sports*, 7 de Maio de 1938.

⁸³*Ibid.* 27 de abril de 1938.

⁸⁴SOUZA, *op. cit.* p.62.

⁸⁵*Ibid.*

⁸⁶*Ibid.* p.68.

⁸⁷*Ibid.* p.69-70

terceira colocação ao vencer a Suécia e os jornais estampam que o Brasil é o campeão moral. Se o título não veio para a América do Sul, as exibições agradaram os brasileiros. Leônidas se tornou o artilheiro e foi eleito o melhor jogador da competição pela FIFA. Nascia aí um novo herói nacional.



Imagem 3: Primeira página do *jornal dos sports* um dia após a conquista do terceiro lugar no mundial sobre a equipe da Suécia por 4x2⁸⁸.

⁸⁸*Jornal dos sports*, 20 de Junho de 1938.

Capítulo III: Leônidas, o jogador e suas representações

Tinha o tamanho, a velocidade e a malícia de um mosquito. No mundial de 38, um jornalista francês, da revista *Match*, contou-lhe seis pernas e opinou que ter tantas pernas era coisa de magia negra. Não sei se o jornalista francês terá percebido que, para cúmulo as muitas pernas de Leônidas podiam esticar-se por vários metros e se dobravam de maneira diabólica (...) Leônidas fez muitos gol, que nunca contou. Alguns foram feitos do ar, os pés girando, a cabeça para baixo, de costas para o arco: foi muito hábil nas acrobacias da *chilena*, que os brasileiros chamam de *bicicleta*.

Os gols de Leônidas eram tão lindos que até o goleiro vencido se levantava para felicitá-lo. *Eduardo Galeano*⁸⁹

3.1 - Das peladas no subúrbio carioca às canchas francesas

Aos 13 anos Leônidas foi convidado a jogar no juvenil do São Cristóvão. Os pais eram contra, pois como todos na época, compartilhavam da ideia que além de ser coisa de vagabundo, futebol não dava futuro nem dinheiro. Seu pai adotivo tinha um bar no estádio do São Cristóvão, porém por causa de desentendimentos entre ele e o clube, o jovem Léo passou por outras equipes em sua juventude. Por morar próximo às oficinas da Light, Leônidas jogava suas peladas também ao redor da companhia, o que acabou lhe garantindo seu primeiro emprego. Diz a história que de tanto quebrar as vidraças acharam melhor tê-lo dentro das oficinas do que fora. Assim, aos 14 anos, no dia 19 de outubro de 1927 foi contratado para a oficina mecânica com a função de ajudante geral⁹⁰.

Se o emprego era visto com bons olhos pela família, ele não afastou Leônidas do futebol. Passou a jogar pelo time amador do Havanese Futebol Clube e abandonou de vez os estudos aos 14 anos de idade. É bom destacar que, diferente de muitos negros da época, Leônidas teve acesso à educação formal. Com a morte de seu pai, a família para qual a sua mãe trabalhava acabou adotando-o e financiando sua educação. No entanto, sua relação com

⁸⁹GALEANO, Eduardo. *Leônidas. Futebol ao sol e à sombra*. Porto Alegre: L&PM, 2015, p.77-78.

⁹⁰RIBEIRO, André. *O Diamante Eterno: Biografia de Leônidas da Silva*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Gryphus, 1999, p.6.

os professores e a escola nunca foi muito boa e sua vontade de ser jogador acabou sendo preterida à vontade de sua família de que seguisse seus estudos.

Até chegar à primeira divisão da cidade do Rio de Janeiro, o futuro “Diamante Negro” passou ainda por diversos clubes como o Barroso FC (do bairro da Saúde) e o Sírio Libanês, clube no qual iniciou sua carreira como futebolista inscrito na Associação Metropolitana de Esportes Atléticos (AMEA)⁹¹. O Sírio Libanês era um time da pequena colônia síria que tinha sua sede na Tijuca, porém sua vida foi muito curta. Por isso, o jogador acabou ingressando nos quadros do Bonsucesso no ano seguinte. Gentil Cardoso, técnico que já havia trabalhado com ele acabou levando-o para o time rubro-anil. O Bonsucesso tinha planos ousados para o campeonato e formou uma equipe com vários jogadores vindos do subúrbio carioca, muitos deles negros. No ano de 1931, o time terminou como a sensação do campeonato, mesmo que tenha ficado em sétimo, atrás de equipes mais conhecidas como América, Vasco, Botafogo, Bangu, Flamengo e Fluminense. No mesmo ano, Leônidas já era convidado a compor a seleção carioca de futebol⁹².

Desde 1923, o ocorria o campeonato brasileiro, disputado por seleções dos melhores jogadores de cada Estado participante. Inicialmente, ele nasceu com o intuito de convocar os melhores jogadores do Brasil para a seleção nacional que disputaria o campeonato sul-americano, porém continuou por motivos puramente competitivos. A supremacia dos selecionados do Distrito Federal (Cidade do Rio de Janeiro) e São Paulo era gigantesca. O campeonato ocorreu entre os anos de 1923 e 1987 com alguns anos sem competição por diversos motivos, como a derrubada de Washington Luiz da presidência ou o levante paulista contra Getúlio Vargas em 1932⁹³.

É nesse momento que Leônidas começa a ser conhecido na cidade. Apesar de ser convocado para o selecionado carioca, era reserva de Nilo⁹⁴, o grande craque da época, que era branco, o que nesse período contava muito. Logo, suas chances de jogar contra a seleção paulista eram quase nulas, até porque ainda não podiam ser feitas substituições nesses tempos. André Ribeiro conta esse episódio muito bem na biografia do jogador:

⁹¹*Ibid.* p.7-10.

⁹²*Ibid.* p.17-18.

⁹³ ALEXANDRE MAGNO, Berwanger. *História do campeonato brasileiro de seleções estaduais*. 2013. Disponível em: <https://www.campeoesdofutebol.com.br/historia_camp_bras_selecoes.html>. Acesso em: 27 set. 2018.

⁹⁴ Nascido no Rio de Janeiro em 3 de abril de 1903, Nilo Murtinho Braga foi um atacante que teve passagens em clubes como o SC Brasil, o Fluminense e se notabilizou no Botafogo. Participou da Copa do Mundo de 1930 com a seleção brasileira e foi campeão cinco vezes do campeonato brasileiro pela seleção carioca. Ver: FOLHA ONLINE. Esporte. *Copa 2006: Todos os brasileiros*. 2005. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/especial/2006/copa/todos_os_brasileiros-n.shtml>. Acesso em 27 set.2018.

O jeito era assistir ao jogo das arquibancadas como um simples torcedor. Uma vez que não jogaria, seguiu sua rotina nas noites do Rio um dia antes da partida. Foi até o musical Bonsucesso, em Ramos, para fazer o que mais gostava nas horas vagas: dançar (...) Na manhã seguinte, mesmo praticamente sem dormir, resolveu jogar uma “pelada” no campo do Macau, só para manter a forma (...) Após a “pelada”, Léo foi almoçar e no cardápio um prato bem sugestivo para que não tinha nada para fazer durante a tarde a não ser dormir: uma suculenta feijoada⁹⁵.

Leônidas chega meia-hora antes de o jogo começar para assistir a partida e é surpreendido com a notícia de que Nilo estava machucado, portanto ele jogaria em seu lugar. Em uma partida na qual os dois times eram considerados iguais, a seleção carioca vence por 3x0, Leônidas anota dois gols e se torna o herói daquela conquista. O jogador já tinha adquirido alguns aliados naquele ano, como o jornalista Mário Filho, que fez campanha para que ele fosse convocado para o selecionado carioca e com essa vitória se mostrava extremamente acertada a sugestão de Filho⁹⁶.

No ano de 1932, a Copa Rio Branco o consagraria novamente. A competição era contra a seleção do Uruguai, atual campeã mundial e bicampeã olímpica, ou seja, a favorita para o confronto. No entanto, o jogador quase ficou de fora da competição. Com a boa campanha do Bonsucesso e a conquista do campeonato brasileiro pela seleção do Rio de Janeiro, Leônidas começa a ser cobiçado por outros clubes. As polêmicas em torno do jogador também começam a aparecer. Primeiro é em torno do interesse do América, que tenta contratá-lo diversas vezes, mas o jogador desiste em todas elas⁹⁷. Leonardo Pereira explica que seu problema com o América tinha a ver com o caso de discriminação do jogador Manteiga, que acabou com sua carreira ao se transferir para o clube da Tijuca⁹⁸.

O caso do jogador Antônio Muniz Duarte, mais conhecido como Manteiga por causa de seus passes, é um dos mais famosos do futebol brasileiro quando o assunto é racismo. Antônio era um negro da marinha que encantou um dos diretores do América, Jaime Barcellos, que sempre ia para o cais do porto. Ao receber um convite para jogar no clube da Tijuca, Manteiga pediu dispensa da marinha para ser jogador de futebol, no entanto a sua carreira o fez parar muito cedo por causa do racismo. O América era um clube da *socialite*

⁹⁵*Ibid.* p.20.

⁹⁶ PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do Futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)*. 1998. 380 f. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998, p.300.

⁹⁷SOUZA, Denaldo Alchorne de. *O Brasil entra em campo! construções e reconstruções da identidade nacional no Brasil (1930-1947)*. São Paulo: Annablume, 2008, p.130.

⁹⁸PEREIRA, *op. cit.* p.305-306.

carioca e sua presença causou uma série de discordâncias entre os jogadores, que se negaram a jogar com ele⁹⁹. 9 atletas acabaram deixando o time em protesto a Manteiga. No entanto, o caso é descrito como uma vitória contra o racismo, já que 25 permaneceram, ou seja, a maioria. Porém, sem clima para continuar na equipe, Manteiga limitava sua presença aos gramados do clube. No ano de 1921, em uma excursão do time para a Bahia, sua terra natal, Antônio Muniz Duarte decide não voltar para o Rio de Janeiro e ficar onde se sentia em casa¹⁰⁰.

Gentil Cardoso teria alertado Leônidas de que todos os jogadores negros que se transferiam para o América acabavam com suas carreiras e também citava o caso de outro jogador, Telê, que teve rumo semelhante. Com medo de que tivesse o mesmo destino, Leônidas declarou que era melhor ficar em um clube pequeno que precisasse dele do que em um grande em que o elemento cor seria um diferencial. Para o jogador, somente o Vasco dentre os clubes grandes era diferente. Ou seja, o time cruzmaltino, famoso pelo campeonato de 1923 cheio de jogadores negros, já sustentava a ideia de “time sem preconceitos”, onde negros não seriam discriminados. Porém, tal atitude por parte de um jogador de futebol negro teria conseqüências. O efeito mais imediato foi que nos treinamentos do selecionado carioca para o campeonato brasileiro, vários jogadores que compunham o time eram do América. Esses atletas fizeram um pacto para boicotar o jogador do Bonsucesso, se negando a jogar com ele e o deixando na reserva¹⁰¹.

Outra história que provém desse caso é o famoso episódio do furto de diamantes em Santos. Escreve Leonardo Pereira ter sido uma forma da diretoria da AMEA (Associação Metropolitana de Esportes Athleticos). A história era que uma dama tinha perdido suas jóias e que ela alegava que Leônidas as tinha achado e não as havia devolvido. A acusação não tinha nenhuma prova concreta, inclusive vários jogadores depuseram a favor do jogador, mas a suspeita foi lançada em cima do preconceito já recorrente nos jornais acerca de negros. Mesmo que sua inocência tenha sido reconhecida meses depois do início das investigações, a notícia foi amplamente divulgada em manchetes de jornais e mesmo a sua absolvição não o

⁹⁹ MORAES, Hugo da Silva. Jogadas insólitas: amadorismo, profissionalismo e os jogadores de futebol do Rio de Janeiro (1922-1924). *Esporte e Sociedade*. São Gonçalo, Universidade do Estado do Rio de Janeiro - FFP, ano 5, n.16, Nov.2010/Fev.2011, p.18 apud RODRIGUES FILHO, Mário. *O Negro no Futebol Brasileiro*. 4º Ed. Rio de Janeiro: Ed.Mauad, 2003, p.113.

¹⁰⁰RODRIGUESFILHO,Mário. *O negro no foot-ball brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmão Pongetti Editores, 1947, p.135.

¹⁰¹*Ibid.* p.305

livrou do fato de estar para sempre associado ao roubo das jóias, que inclusive é uma das versões para sua alcunha, “Diamante Negro”¹⁰².

Logo após esse incidente, em um jogo com o América, a torcida se utiliza dessa história e o chama de negro sujo. O jogador responde mostrando sua genitália e a torcida invade o campo. Ao ser retirado do jogo para que ele continuasse, Leônidas se defende dizendo que só tinha levantado o calção. Por causa desse episódio é que ele quase ficou de fora da Copa Rio Branco, porém, como já foi mencionado antes, parte da imprensa já havia comprado a briga pelo jovem jogador. O *Jornal dos Sports* e Mário Filho, que se tornaria depois dono do jornal, foram importantes na defesa do atleta. As pressões da imprensa foram atendidas pela CBD e o que se seguiu foi a vitória do Brasil sobre o Uruguai em pleno Estádio de Montevideu por 2 a 1. Ou seja, a seleção brasileira vencida a atual melhor do mundo, com dois gols do “Diamante Negro”, que já começava a virar herói¹⁰³.

Essa conquista mostra uma nova geração de jogadores que despontavam no Brasil. Além de Leônidas da Silva, Domingos da Guia também se consagra nesse jogo. Esse triunfo acaba sendo lembrado frequentemente como um aposto que segue os nomes de Domingos e Leônidas. Com seus nomes já consagrados, tanto Leônidas quanto Domingos buscam remunerações melhores fora do Brasil e ambos partem para o Uruguai, o *back*¹⁰⁴ vai para o Nacional do Uruguai, enquanto o “diamante” parte para o Peñarol¹⁰⁵.

Se Domingos se torna um grande ídolo no Uruguai e depois na Argentina, quando joga pelo Boca Juniors, Leônidas vive uma época difícil longe do Rio de Janeiro. Sua passagem por terras platinas foi longe de ser tranquila. A difícil adaptação no Uruguai somada à agitada vida noturna que tinha e a uma contusão que o afastara dos jogos o fez ter péssima reputação com a torcida. Não demorou muito para que no ano seguinte, 1934, voltasse ao Brasil, dessa vez para o Vasco da Gama¹⁰⁶.

O time do Vasco, por causa do profissionalismo recém-implantado, montou uma máquina. Conhecido como o time dos 100 contos, a equipe tinha em seu plantel nomes como Fausto, Domingos da Guia, Gradim¹⁰⁷ e Leônidas. Com um grande time, o “Diamante Negro”

¹⁰²*Ibid.* p.307.

¹⁰³*Ibid.* p.310.

¹⁰⁴*Back* é o mesmo de defensor ou zagueiro.

¹⁰⁵*Ibid.* p.314-315.

¹⁰⁶RIBEIRO, *op. cit.* p.54.

¹⁰⁷ Francisco de Souza Ferreira, mais conhecido como Gradim/ Gradin, foi um futebolista negro e importante na década de 1930. Grande amigo de Leônidas, o acompanhou no Bonsucesso e no Vasco da Gama. Junto de Leônidas, também conquistou a Copa Rio Branco de 1932. Depois de sair do Vasco da Gama em 1935 teve longa carreira pelo Santos Futebol Clube, o qual defendeu até 1947. Ver: SERRA, Rafael. Gradim: Que fim

tinha tudo para se consagrar, porém mais uma polêmica era adicionada à sua história. Próximo da Copa do Mundo de 1934, a CBD ofereceu a diversos jogadores profissionais contratos para integrar a seleção brasileira que viajaria à Itália para a disputa da competição. Com enormes problemas para definir o time com amadores, grandes nomes profissionais são alvos de contratação. Domingos e Fausto, por exemplo, conseguem um aumento no Vasco e preferem continuar no clube carioca, porém Leônidas é um dos que fecham contrato. Pronto, ganhava a pecha de mercenário¹⁰⁸.

A equipe do Brasil perde o primeiro jogo para a Espanha por 3 a 1, logo é eliminada. Apesar da derrota, Leônidas é considerado o melhor jogador do selecionado brasileiro, inclusive sendo o autor do gol. Ao voltar para o Brasil, ingressa no time do Botafogo, conforme uma cláusula no contrato da CBD. Segundo ela, todos os jogadores contratados iriam para o time alvinegro depois da Copa do Mundo¹⁰⁹. Sua estadia no clube seria de um ano, um pouco mais do que no Vasco. Assim como no time de São Januário, Leônidas também seria campeão, porém, por causa de diversos conflitos com dirigentes muda de clube novamente no ano seguinte, 1936.

O problema no Botafogo estava mais dentro do próprio clube, algumas pessoas queriam sua presença¹¹⁰ enquanto outras, como o próprio presidente do clube, Paulo Azeredo, não o queria de maneira alguma. Souza escreve que o problema dele no Botafogo não era por ser negro, mas pelo “tipo de negro. Ao ser comparado com Domingos da Guia, ambos tinham a mesma característica, pobres, negros, trabalhadores, suburbanos, porém Leônidas não era educado ou respeitador. Domingos era discreto e “sabia com quem estava falando”. Leônidas estava sempre reclamando e por isso era um “moleque safado”¹¹¹.

Para completar, ainda na sua passagem pelo Botafogo, apareceu a história do certificado de reservista falso. Leônidas foi chamado para depor acerca de uma possível compra de carteira de reserva falsificada, porém o próprio jogador esclarece que tinha sido chamado para depor sobre um grupo de pessoas, que não conhecia que praticavam isso¹¹². Essa história voltaria a perturbá-lo anos mais tarde, inclusive levando-o à cadeia e terminando

levou? *Terceiro Tempo*. Disponível em: <<http://terceirotempo.bol.uol.com.br/que-fim-levou/gradim#photo-7>>. Acesso em: 27 set. 2018.

¹⁰⁸*Ibid.* p.55.

¹⁰⁹ SOUZA, *op. cit.* p.134.

¹¹⁰*Jornal dos sports*, 9 de Março de 1935.

¹¹¹SOUZA, *op. cit.* p.134-135.

¹¹²*Jornal dos sports*, 19 e 20 de Julho de 1935.

sua relação com o Flamengo. Apesar de ser um episódio importante, ultrapassa o corte deste trabalho¹¹³.

É a partir do ano de 1936 que a carreira de Leônidas consegue se estabilizar por um tempo. Nesse ano, o Flamengo começa a montar um time com os principais jogadores negros da cidade¹¹⁴. O rubro-negro carioca, presidido por Bastos Padilha, entende que sua torcida precisava olhar para o campo e se reconhecer, logo, traz para seu time Domingos, Fausto e Leônidas, a tríade¹¹⁵. Foram nos anos em que jogou no Flamengo que o “Diamante Negro” se tornou definitivamente herói nacional, não só pela grande torcida que o time rubro-negro começava a ter, mas também por sua participação na Copa do Mundo de 1938, seu momento de maior consagração.

3.2 - Mito, herói, ídolo e malandro

Em seu livro, Denaldo de Souza defende que Leônidas da Silva é um mito. O mito é aquele que realiza façanhas extraordinárias, impossíveis de serem realizadas por uma pessoa comum. Ou seja, a excepcionalidade é uma característica geralmente atribuída a ele. Para Denaldo, sua excepcionalidade não estava em ser o mais habilidoso, ter conquistado muitos títulos ou ter feito muitos gols, mas por suas jogadas consideradas impossíveis, como a bicicleta¹¹⁶. Concordo com grande parte de sua afirmação, mas eu posso afirmar que meses antes da Copa do Mundo de 1938 se Leônidas não era considerado o melhor jogador do Brasil naquele momento, esse posto só poderia ser dividido com Domingos da Guia, mas chegaremos lá.

Recorrendo a Roger Chartier, lembramos que uma representação é um objeto ausente que é substituído por uma imagem capaz de reconstituí-lo na memória ou a exibição de uma presença, como a apresentação pública de alguém ou algo¹¹⁷. Nesse caso, Leônidas era a representação de diversos signos que pairavam na sociedade e sua representação também se construía em contraponto com a de outros personagens que compartilhavam o mesmo espaço

¹¹³Para mais informações dessa época ler os livros já citados aqui e que estão presentes nas referências bibliográficas *O Brasil entra em Campo!* de Denaldo Alchome de Souza e a biografia de Leônidas *O Diamante Eterno* de André Ribeiro.

¹¹⁴PEREIRA, *op. cit.* p.318.

¹¹⁵COUINHO, Renato Soares. *Um Flamengo grande, um Brasil maior: o Clube de Regatas do Flamengo e a construção do imaginário político nacionalista popular (1933-1955)*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2014, p.79-82.

¹¹⁶SOUZA, *op.cit.* p.118-120.

¹¹⁷CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, p.20.

que ele. Esses signos atribuídos a Leônidas são melhores representados através do arquétipo do malandro, figura combatida pelo governo Vargas.

O malandro tem por característica primordial a rejeição ao trabalho. Em uma sociedade extremamente injusta e que os ex-escravos foram atirados ao mercado de trabalho sem nenhuma formação para competir com imigrantes e brancos brasileiros, a malandragem se mostrava como uma estratégia que poderia dar pequenas garantias de sobrevivência. O trabalho, além de escasso, não garantia vida digna e por isso não era visto com bons olhos por grande parte da população¹¹⁸.

Com isso, a figura do malandro surge, sempre tentando tomar vantagem das frestas do sistema instituído. O trabalho, o esforço físico é sempre evitado e visto como o desprazer. Os sambas da época são as melhores fontes e funcionam como crônicas para se encontrar não só a figura do malandro sendo descrita, mas a ode à malandragem e a denúncia de que o trabalho não compensa. As canções seguem uma lógica parecida, o trabalho serve no máximo para a sobrevivência, mas não deveria ser a base da vida, pois essa tinha que ser vivida com prazer, que por sua vez estava ligado ao samba, ao carnaval e ao mundo do lazer¹¹⁹.

É importante destacar que para ser malandro não era preciso estar desempregado. O malandro era aquele que ou rejeitava ou fugia do trabalho, principalmente quando pesado¹²⁰. E esse discurso era extremamente transgressor e perigoso para o governo, que tentava construir uma ideia positiva de trabalho. Por essa razão o malandro é “eleito” uma das figuras a serem perseguidas durante o período. A atuação do DIP fez com que grandes sambistas como Wilson Batista mudassem seu discurso de pró-malandragem para ode ao operário em alguns anos e é certo de que não foi porque ele mudou de opinião sobre seu modo de vida, mas como estratégia. Wilson Batista utilizou, como bom malandro, aquilo que o Estado Novo lhe dava como condições de sobrevivência e aplicou a seu favor¹²¹.

Meu chapéu do lado / Tamanco arrastando / Lenço no pescoço / Navalha no bolso /
Eu passo gingando / Provoco e desafio / Eu tenho orgulho / Em ser tão vadio / Sei
que eles falam / Deste meu proceder / Eu vejo quem trabalha / Andar no misere / Eu
sou vadio / Porque tive inclinação / Eu me lembro, era criança / Tirava samba-

¹¹⁸ NOVAES, José. Um episódio de Produção de Subjetividade no Brasil de 1930: Malandragem e Estado Novo. *Psicologia em Estudo*. Maringá, v. 6, n. 1, jan./jun. 2001, p.41.

¹¹⁹ CALLEIA, Fábio da Silva. Colocando o malandro para trabalhar: A intervenção política no carnaval. *Revista Libertas*. Faculdade de Serviço Social, UFJF, Juiz de Fora, v.11, n.1, jan. jul. 2011, p.9 apud MATOS, Cláudia. *Acertei no Milhar. Malandragem e Samba no Tempo de Getúlio*. São Paulo: Paz e Terra, 1982, p.81.

¹²⁰ *Ibid.* p.9

¹²¹ NOVAES, *op. cit.* p.41.

canção / Comigo não / Eu quero ver quem tem razão / E eles tocam / E você canta / E eu não dou¹²².

Quem trabalha é que tem razão / Eu digo e não tenho medo de errar / Quem trabalha é que tem razão / Eu digo e não tenho medo de errar / O bonde São Januário / Leva mais um operário / Sou eu que vou trabalhar / O bonde São Januário / Leva mais um operário / Sou eu que vou trabalhar / Antigamente eu não tinha juízo / Mas resolvi garantir meu futuro / Vejam vocês / Sou feliz vivo muito bem / A boemia não dá camisa ninguém, é / Vivo bem / Antigamente eu não tinha juízo / Mas resolvi garantir meu futuro / Vejam vocês / Sou feliz vivo muito bem / A boemia não dá camisa ninguém, é / Muito bem!¹²³

A primeira canção é a *Lenço no pescoço*, escrita em meados de 1933, enquanto a segunda é a *Bonde de São Januário*. Enquanto a primeira descreve o malandro, não só sua roupa, mas seu próprio estilo de vida, a segunda faz o inverso, uma exaltação do trabalhador, contraponto do malandro. Em 7 anos o aparelho repressor, através da censura do DIP fez com que Wilson Batista, notório compositor e sambista malandro, mudasse o conteúdo das suas letras. Se em 1933 o governo Vargas ainda permitia cantar “eu tenho orgulho em ser tão vadio”, em 1940 com o Estado Novo a todo vapor, o discurso permitido era afirmar que “quem trabalha é que tem razão” e que “antigamente eu não tinha juízo (...) a boemia não dá camisa à ninguém”.

Leônidas da Silva era a representação desse arquétipo no futebol. Apesar de ser normalmente associada ao samba, a figura do malandro pairava na sociedade como um todo, inclusive o mundo do futebol, muitas vezes se transformando no que hoje se chama de jogador-problema ou rebelde. Temos inúmeros exemplos: Romário, Maradona, Renato Gaúcho, Edmundo, Paul Gascoigne, etc. E o que todos eles têm em comum? A ligação com o mundo do lazer e o discurso contrário ao vigente.

Souza busca Thompson para lembrar o caráter tradicional, mas ao mesmo tempo rebelde da classe trabalhadora:

A cultura conservadora da plebe quase sempre resiste, em nome do costume, às racionalizações e inovações da economia (...) que os governantes, os comerciantes ou os empregadores querem impor. A inovação é mais evidente na camada superior da sociedade, mas como ela não é um processo tecnológico/social neutro e sem normas ("modernização", "racionalização"), mas sim a inovação do processo capitalista, é quase sempre experimentada pela plebe como uma exploração, a

¹²²Wilson Batista, *Lenço no pescoço*, 1933. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/wilson-batista/386925/>>. Acesso em 23/09/2018.

¹²³*Ibid.* *O bonde de São Januário*, 1940. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/wilson-batista/259906/>>. Acesso em 23/09/2018.

expropriação de direitos de usos costumeiros, ou a destruição violenta de padrões valorizados de trabalho e lazer¹²⁴.

Ou seja, em tempos de regulamentação do mercado de trabalho, mudança de hábitos das pessoas comuns e disciplinarização de todas as esferas da vida, a ética da malandragem se mostrava como fortemente libertadora. Leônidas da Silva, mesmo acusado de roubar diamantes, fazer corpo mole, comprar carteira de reservista, ter comportamentos nada exemplares dentro de campo ainda sim simbolizava toda uma nação, que o via como ídolo.  Por ser negro, um jogador muito habilidoso e ter um modo de vida muito próximo da classe trabalhadora, no sentido de que sua alegria estava pautada no âmbito do lazer e do convívio social, o jogador se tornava o herói dos populares.

Hilário Franco Júnior nos aponta o caráter altamente ritualizado que cerca o futebol e seu ambiente fortemente emocional tanto para quem joga quanto para quem assiste¹²⁵. O futebol, em um mundo cada vez mais industrializado como o nosso, serve de alternativa sagrada. No mundo ocidental, o crescente vazio espiritual faz com que os clubes tomem os lugares dos deuses, a camisa se torne o “manto sagrado”, os estádios virem templos e os jogadores ídolos¹²⁶.

O autor continua sua analogia analisando a própria palavra “ídolo” aplicada aos jogadores. O seu sentido etimológico grego, *eidolon*, significa “representação material de entidade imaterial” e também pode significar “imagem que representa uma divindade e que incorretamente é adorada como se fosse ela”. Nesse caso, o próprio ídolo, jogador, muitas vezes se confunde ou “encarna” o clube, entendido aqui como divindade, uma vez que o clube é algo etéreo e não físico. “Os jogadores são sacerdotes cuja comunhão com a divindade (clube) durante o rito (partida) leva os fieis (torcedores) a confundirem-nos com ela, o que confere a segunda acepção de ídolo”¹²⁷.

Outra relação que segue esse caminho religioso é a correlação dos jogadores com os santos dentro da cultura cristã. Em um momento os santos foram vistos como a cristianização dos heróis do paganismo e assim como os santos, esses jogadores são humanos, porém possuem certas características especiais que os diferem de meros mortais. Sejam considerados ídolos, santos, heróis ou só jogadores de futebol, todos eles provocam forte mimetismo. A

¹²⁴SOUZA, *op. cit.* p.139 apud THOMPSON, Edward. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p.19.

¹²⁵FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A Dança dos Deuses: Futebol, Cultura e Sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p.212.

¹²⁶*Ibid.* p.258-259.

¹²⁷*Ibid.* p.260-261.

forma de falar, vestir-se, se comportar e até os nomes são copiados e se tornam exemplos¹²⁸. O que foi a moda do corte de cabelo de Ronaldo na Copa do Mundo de 2002 ou as crianças batizadas com seu nome no mesmo ano e as em homenagem a Romário em 1994?

A seleção nacional, o clube e o jogador de futebol funcionam como espelho. Para ser ídolo não é preciso vencer. Assim como o santo, ele não se mitifica por ser infalível, mas por representar um modelo que serve de exemplo de comportamento e ações que orientam o homem em sua inserção na realidade¹²⁹. Ou seja, um grupo de pessoas pode considerar um jogador um ídolo pela carreira que construiu em seu clube ou por representar diversas ideias que vão de acordo com aquilo que elas acreditam, como um espelho de si mesmos, e um segundo grupo rechaçar esse mesmo jogador pela rivalidade com seu clube ou por ele representar ideias opostas às quais acredita. Logo, vamos para a análise de outros ídolos.

3.3 - Entre o apito da fábrica e do juiz: Domingos da Guia

Domingos da Guia nasceu em 19 de novembro de 1912. Domingos e sua família têm uma forte relação com o bairro e o time de Bangu, tendo seu nome citado no hino do clube e sua família sendo conhecida como “clã da Guia”. Começou a trabalhar na fábrica antes dos 18 anos. Antes de virar jogador, seu irmão Luiz Antônio já fazia parte do plantel banguense. Em 1929, já fazia parte do segundo time do Bangu, estreando na equipe principal no ano seguinte, com uma vitória em cima do Flamengo¹³⁰.

Não demorou muito para o garoto de Bangu começar a ser chamado de “o melhor defensor das Américas”. Em 1931 já era considerado o melhor do Rio de Janeiro. Em 1932, junto com Leônidas se consagrou na Copa Rio Branco. Em 1933, no Nacional do Uruguai, já era considerado o melhor do continente. As histórias de Domingos da Guia e Leônidas se cruzam durante os anos e mantêm diversos paralelos. Ambos pobres do subúrbio, negros, cariocas, futebolistas e com quase a mesma idade, Leônidas era 1 ano mais novo. Porém, no jogo dos arquétipos Domingos era o apolíneo e o “Diamante Negro” o dionisíaco¹³¹.

Voltando ao governo Vargas, lembramos que era importante além das ideias de harmonia social e de democracia racial, a construção do homem novo. Esse homem novo deveria compreender que o trabalho era um direito e um dever do cidadão. Uma tarefa moral e

¹²⁸*Ibid.* p.261-262.

¹²⁹ COUTINHO, *op. cit.* p.78 apud ELÍADE, Mircea. O sagrado e o profano: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 2008, p.85.

¹³⁰PEREIRA, *op. cit.* p.294.

¹³¹SOUZA, *op. cit.* p.114 e seg.

ao mesmo tempo um ato de realização¹³². O Estado Nacional se volta para uma política de amparo ao brasileiro, reconhecendo que o progresso é um produto do trabalho. Logo, o trabalho não devia ser enxergado como algo negativo e era preciso vê-lo como a forma na qual o homem se integrava na sociedade¹³³.

A política de valorização do trabalho empregada pelo Estado se centrava na ideia de que a pobreza era um mal a ser evitado e que a riqueza era um bem comum. Trabalhar ganhou tamanha importância que na constituição de 1937 passou a ser um dever de todos e a desocupação tornou-se crime contra o próprio Estado. Assim, o homem novo proposto pelo governo varguista era aquele que aceitava o pacto social, que entendia a importância do ato de trabalhar¹³⁴. Nesse modelo, não havia espaço para idealizações alternativas de buscas para um mundo melhor. Qualquer ideia que fugisse a essa era considerada subversiva. Logo, era necessário combater o inimigo interno, que se definia em oposição completa ao do homem novo, o malandro¹³⁵.

Leônidas e Domingos tinham tudo para ser o homem idealizado pelo governo Vargas. Como já foi mencionado, eram negros, tinham origem humilde, vinham de clubes do subúrbio e tinham ascendido financeiramente através do futebol. Uma linda história para ilustrar a fábula da democracia racial. Porém, o “Diamante Negro” reunia uma coletânea de histórias que o faziam ganhar adjetivos nada simpáticos. Era mentiroso, pois participou de um jogo organizado por terceiros em Campos e jogou sem o aval do clube, porém negou que tivesse jogado. Multado em 550 mil réis, 500 por jogar sem autorização, 50 por faltar ao treino do domingo¹³⁶. Era irresponsável, pois decidiu assinar com o América várias vezes, mas desistiu em todas, causando a ira do clube da Tijuca. Era ladrão, por causa do caso do colar, mesmo tendo sido inocentado o adjetivo não o havia deixado. Era mercenário, pois quando a quantia de dinheiro era alta, deixava o clube em que jogava por um contrato melhor, vide sua saída do Vasco da Gama para a seleção brasileira¹³⁷.

No caso do seu ingresso no Botafogo, Souza escreve que além de tudo o que já foi mencionado, quando não gostavam mesmo dele faziam questão de lembrar que o que fazia era “coisa de negro”. Seus problemas no Botafogo não eram por ser negro, mas pelo “tipo de negro”. A comparação era com Domingos da Guia, que era igual a Leônidas, negro, pobre,

¹³²GOMES, Angela de Castro. Ideologia e Trabalho no Estado Novo. In: PANDOLFI, Dulce. (Org.) *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999. p.152.

¹³³*Ibid.* p.156.

¹³⁴*Ibid.* p.164.

¹³⁵ GOMES, Angela de Castro. A invenção do trabalhismo. Rio de Janeiro: FGV, 3ª Ed. 2005.p.246.

¹³⁶*Jornal dos sports*, 6 de março de 1937.

¹³⁷SOUZA, *op. cit.* p.130-132.

trabalhador, porém era discreto e sabia com quem estava falando. Leônidas, no entanto, reclamava dos treinos, se tinha que trabalhar em outro local e quando acabavam os treinamentos ia direto para o bar beber. Domingos, o homem ideal e trabalhador, ia direto para casa ao fim dos expedientes¹³⁸.

Simoni Lahud Guedes em seu artigo fala da disputa pelo direito ao discurso sobre o futebol. Como um esporte nacional, os eventos ligados ao esporte bretão vão muito além do que acontece no campo. Além da importância de praticar ou assistir ao jogo, falar sobre eles muitas vezes se sobrepõe à partida em si. Assim, há a disputa sobre quem pode ou não interpretá-lo. A “linguagem autorizada” pertence àqueles que são amplamente reconhecidos como detentores da autoridade sobre o espetáculo, o que os dá credenciais de mediadores privilegiados entre o espetáculo e o público. Eles seriam a imprensa e a academia¹³⁹.

Guedes recorre ao trabalho de José Paulo Florenzano sobre Edmundo e Afonsinho, que são descritos como jogadores-problema ou rebeldes, pois não respondem muito bem a esse processo disciplinador da sociedade.

Alguns são intencionalmente contestadores, críticos deste processo de disciplinarização que atinge, muitas vezes, todos os momentos da vida privada dos jogadores. Outros não são intencionalmente contestadores, mas mantêm comportamentos e espaços de decisão pessoal que faz com que, frequentemente, estejam em choque com dirigentes, técnicos e muitas vezes, sob a mira de jornalistas esportivos¹⁴⁰.

Uma característica compartilhada por esses jogadores é o fato de disputarem o direito de dizer, construindo dessa maneira discursos dissonantes e alimentando a imprensa com declarações contundentes. Guedes dá o exemplo de Romário, que da mesma maneira que Leônidas, porém nos anos 1990, levava um estilo de vida de classe trabalhadora, mesmo sendo um homem rico. No caso de Romário, ia jogar pelada em campos de várzea, futevôlei na praia, desfilava no carnaval, etc. Características muito semelhantes às do “Diamante Negro”, que saía para dançar, depois dos jogos ou treinos ia para o bar beber, estava sempre tomando um cafezinho no Café Rio Branco com um fã ou jogando uma pelada para descontrair.

Os jogadores descritos como rebeldes, problemáticos ou malandros ganham essas alcunhas por construírem discursos discordantes do sistema vigente, por irem contra a disciplinarização imposta pela sociedade. O que a grande parte da sociedade espera de um

¹³⁸*Ibid.* p.134-135.

¹³⁹GUEDES, Simoni Lahud. Discursos autorizados e discursos rebeldes no futebol brasileiro. *Esporte e Sociedade*. ano 5, n.16, Nov.2010/Fev.2011. Universidade Federal Fluminense, p.5-8.

¹⁴⁰*Ibid.* p.8.

jogador ideal é falar e pensar com os pés e não com a boca. “Romário, na Copa do Mundo de 1994, não apenas jogou, mas falou o tempo todo e falou sobre o povo, identificando-se como alguém do povo”¹⁴¹. Ao reivindicar o direito a este discurso o jogador-problema diz ao povo que ele não só pode jogar, mas também pensar por si mesmo¹⁴².

Esse discurso se torna então extremamente forte e perigoso, ainda mais em um momento de grande repressão que foi o governo Vargas. Domingos e Leônidas eram os espelhos, as representações de facetas da classe trabalhadora, que cada vez mais inundava as arquibancadas em dia de jogo ou ouvia as transmissões no rádio. Porém, Domingos era a representação do trabalhador ideal, ou como o técnico húngaro do Flamengo, Kruschner¹⁴³ dizia, o apolíneo. Inteligente, técnico, lógico e racional, o cérebro do time. Leônidas, segundo Kruschner que treinava ambos, era o dionisíaco. Era produto do futebol brasileiro, impressionava pelo desconcerto, pela velocidade, malabarismo e os lances quase que ilógicos. Um impressionava à vista e outro ao cérebro¹⁴⁴. Domingos era quem o trabalhador deveria ser, Leônidas quem ele queria ser.

3.4 - Hércules e o concurso Magnólia

Na comparação Leônidas-Domingos, vimos que o “Diamante Negro” se constrói como o Malandro, o dionisíaco, o jogador emocional. Sua dualidade faz sentido com o “Divino Mestre”, Domingos da Guia, que representa o trabalhador, o apolíneo, o jogador racional. Esse contraste é mais latente que o do próximo jogador, pois os dois atuaram juntos no mesmo clube, nos casos de Vasco da Gama e Flamengo, e nas seleções carioca e brasileira por diversas vezes. Porém, um segundo personagem constrói outra faceta de Leônidas da Silva, Hércules.

¹⁴¹*Ibid.* p.8-9.

¹⁴²*Ibid.* p.8-9.

¹⁴³Izidor Kürschner, mais conhecido por Dori Kruschner, nasceu em 1885 em Budapeste e é apontado como responsável por trazer mudanças ao futebol brasileiro. Em 1937, trocou a Alemanha pelo Brasil, fugindo da perseguição aos judeus e treinou primeiramente o Flamengo de Leônidas, Fausto e Domingos e logo em seguida o Botafogo. Seu futebol trazia diferenças ao que se praticava no Brasil, pois tinha grande enfoque nas exigências físicas e com isso revolucionou a maneira com que se treinava no país. Kruschner foi quem implantou pela primeira vez a formação tática WM, sistema já muito usado na época na Europa. No entanto, depois de ser vice do Fluminense em 1938 acabou sendo demitido do Flamengo. Seu sucessor, Flávio Costa, que ironicamente fora demitido para o húngaro assumir, utilizou grande partes das ideias deixadas pelo técnico magiar no time rubro-negro. PEREIRA, Miguel Lourenço. Engenharia Genética do Futebol Brasileiro: Como os treinadores húngaros mudaram o DNA do jogo bonito. *Corner*. n.6. 2018, p.29-30; COELHO, Paulo Vinícius. A influência estrangeira. *Escola brasileira de futebol*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018, p.31-40.

¹⁴⁴*Jornal dos sports*, 17 de maio de 1938.

Hércules de Miranda era mineiro de Caxambu, mas fez história no futebol de São Paulo e do Rio de Janeiro¹⁴⁵. Foi contratado junto de uma leva de 10 jogadores da seleção paulista de 1935 e no ano seguinte já conquistou o campeonato carioca¹⁴⁶. Jogava na ponta-esquerda e era conhecido pelo seu chute forte, ganhando a alcunha de “o Dinamitador”¹⁴⁷. É um dos maiores artilheiros do Fluminense de todos os tempos e foi artilheiro do campeonato carioca dos anos de 1936, 1937, 1940 e vice em 1938¹⁴⁸.

A rivalidade com Hércules se estruturava primeiro na relação Fla-Flu. O clássico carioca já era o maior do Rio de Janeiro e na década de 1930 essa rivalidade aumenta com o crescimento da popularidade do rádio. Considerado um dos maiores e mais significativos até hoje, ele chegou a virar sinônimo de totó/pebolim na região sul do Brasil¹⁴⁹. O *ethos* popular que o Flamengo ia atrelando à sua imagem fazia sentido em contraste com o *ethos* elitista do Fluminense. O “Dinamitador”, assim como Leônidas, era considerado peça-chave do seu time¹⁵⁰, tanto que foi escolhido como o candidato do time para o concurso Magnólia¹⁵¹.

O *Jornal dos Sports* foi importante em vários aspectos na esfera esportiva e social durante a década de 1930. Como quando fez campanha e foi em defesa de jogadores negros nas seleções, tanto carioca, quanto brasileira, como foi descrito no caso de Leônidas no campeonato brasileiro de 1931 e a Copa Rio Branco de 1932¹⁵². Também ajudou a promover uma nova maneira de torcer, com a competição das torcidas. Com isso, o torcedor passivo, símbolo do futebol elitista e “civilizado” tornou-se o ativo, que fazia a festa e participava do jogo, tornando aquela massa de anônimos em um espetáculo à parte e o torcedor trabalhador não mais no desviante, mas no padrão a ser seguido¹⁵³. O apoio do periódico ao futebol profissional também foi significativo, dando cada vez menos espaço à liga da AMEA (amadora) em suas páginas e destaque para a concorrente (LCF). E vale o destaque para um concurso que merece análise, o dos cigarros Magnólia, destinado a escolha do jogador mais popular do Rio de Janeiro, que nesse contexto era lido como o mais popular do Brasil.

Magnólia era uma marca de cigarros e a competição que carregava seu nome além de escolher o craque da galera, dava prêmios através dos palpites sobre os jogos da rodada. Uma

¹⁴⁵Disponível em <<http://www.fluminense.com.br/sobre/idolos>>. Acesso em 23/09/2018.

¹⁴⁶FRANCO JÚNIOR, *op. cit.* p.76.

¹⁴⁷Disponível em <<http://www.fluminense.com.br/sobre/idolos>>. Acesso em 23/09/2018.

¹⁴⁸ ASSAF, Roberto; MARTINS, Clóvis. Campeonato Carioca – 96 Anos de História. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1997, p. 187; 194; 199; 212.

¹⁴⁹COUTINHO, *op. cit.* p.130.

¹⁵⁰*Jornal dos sports*, 29 de agosto de 1937.

¹⁵¹*Ibid.* 2 de setembro de 1937.

¹⁵²PEREIRA, *op. cit.* p.298-300.

¹⁵³ COUTINHO, *op. cit.* p.41-48.

espécie de loteria esportiva da época. Leônidas foi escolhido o candidato do Flamengo, Hércules do Fluminense, Oscarino do Vasco da Gama, Patesko do Botafogo, Walter do São Cristóvão, Carola do América e Ladislau do Bangu. Cada clube tinha direito a um representante. No final, três candidatos disputaram o prêmio: Leônidas, Hércules e Oscarino. No entanto, Oscarino nunca assumiu a ponta, mas os jogadores do Fla-Flu revezaram a liderança.

Analisando os periódicos, é perceptível que de início o concurso não estava sendo levado muito a sério, mas com o decorrer das semanas o tom mudou. Os jogadores começaram a fazer campanha para a vitória, afinal o prêmio não era só ser escolhido como o jogador mais popular, mas um Chevrolet, artigo de luxo para a época. Vários blefes são feitos no decorrer da campanha, como “tal jogador diz que tem tantas mil carteiras guardadas em sua casa”¹⁵⁴ e por diversas vezes eles recorrem ao jornal para pedir que entreguem as carteiras de cigarro no estádio no próximo jogo¹⁵⁵.

Algumas diferenças entre os jogadores são construídas no decorrer do concurso. A primeira é o carisma do “Diamante Negro”. Não quero dizer que ele não era carismático e que o jornal inventou isso, mas a sua presença constante nas páginas do periódico reforçou ainda mais esse seu aspecto. Durante os meses do concurso, Setembro a Março, Leônidas foi citado praticamente todo dia. A maior parte das matérias, no entanto, não falava dos treinos ou jogos em que ele atuou, mas de sua vida fora dos gramados. As visitas à redação do *Jornal dos Sports* eram constantes. Às vezes para a contagem de pontos ou para dar uma rápida entrevista¹⁵⁶.

Outro diferencial foi sem dúvida sua campanha entre os populares. Estava sempre comparecendo nos locais em que suas urnas foram colocadas. Piedade¹⁵⁷, Abolição¹⁵⁸, Madureira¹⁵⁹ ou Centro¹⁶⁰. Inúmeros eram os locais pelo Rio de Janeiro. Até mesmo em Niterói uma foi colocada¹⁶¹. Além disso, fez passeatas¹⁶² para arrecadá-las e chegou a coletar carteiras e distribuí-las em um centro de detenção¹⁶³. Esse era Leônidas, uma estrela da mídia, que caminhava entre os populares e estava todo dia no jornal.

¹⁵⁴*Jornal dos sports*, 24 de outubro de 1937.

¹⁵⁵*Ibid.* 30 de setembro ; 26 de outubro; 20 de novembro de 1937.

¹⁵⁶*Ibid.* 28 de outubro de 1937; 1 de janeiro e 5 de fevereiro de 1938.

¹⁵⁷*Ibid.* 11 de dezembro de 1937.

¹⁵⁸*Ibid.* 15 de dezembro de 1937.

¹⁵⁹*Ibid.* 22 de janeiro de 1938.

¹⁶⁰*Ibid.* 18 de dezembro de 1937.

¹⁶¹*Ibid.* 13 de novembro de 1937.

¹⁶²*Ibid.* 19 e 29 de janeiro; 20 de fevereiro de 1938.

¹⁶³*Ibid.* 21 de novembro de 1937.

Hércules concorreu seriamente com Leônidas. Alguns empresários, como o dono de uma bomboniere¹⁶⁴, ajudaram-no na campanha e até mesmo o São Paulo Futebol Clube se prontificou a fazer campanha por ele¹⁶⁵, já que Hércules tinha jogado no clube. Se Leônidas foi a um centro de detenção, o jogador tricolor fez uma visita em um asilo para entregar carteiras de cigarros aos idosos¹⁶⁶. Porém, no quesito urnas, só uma sua foi colocada fora do estádio do Fluminense, no Catumbi, e isso porque os torcedores insistiram em pedi-la¹⁶⁷. Em uma entrevista, uma pessoa ligada ao jogador o descreveu como uma pessoa simpática, porém arredio e que não gostava muito de publicidade¹⁶⁸.

Para completar as representações dos candidatos, Hércules é citado como o representante de São Paulo e Leônidas o da cidade do Rio de Janeiro¹⁶⁹. Há um mês para o fim do concurso, o *Jornal dos Sports* desenha dois lados na competição: Hércules e Leônidas, São Paulo e Rio de Janeiro respectivamente. Os cigarros Magnólia e o periódico tinham circulação no Rio de Janeiro, logo, não acredito que a escolha do que cada um representava ter sido acidental. Quão influente isso foi no final não é possível saber. Na última rodada de apuração de votos, Leônidas vence com surpreendentes 249 mil pontos, Hércules com 121 mil e Oscarino com 113 mil. Ou seja, até a última apuração os dois candidatos estiveram tecnicamente empatados, mas com a coleta das urnas que estavam espalhadas pela região metropolitana, Leônidas dobrou seus pontos em relação a Hércules¹⁷⁰.

¹⁶⁴*Ibid.* 1 de janeiro de 1938.

¹⁶⁵*Ibid.* 18 de dezembro de 1937.

¹⁶⁶*Ibid.* 3 de janeiro de 1938.

¹⁶⁷*Ibid.* 13 de dezembro de 1937.

¹⁶⁸*Ibid.* 19 de fevereiro de 1938.

¹⁶⁹*Ibid.* 2 de fevereiro de 1938.

¹⁷⁰*Ibid.* 3 de março de 1938.



Imagem 4: O candidato dos fãs cariocas¹⁷¹

Assim, Leônidas já mostrava a força que tinha nas votações populares. Com a Copa do Mundo se aproximando, seu nome já era unanimidade no Rio de Janeiro. É recorrente ler nas notícias pré-copa o *jornal dos sports* informar que as seleções europeias já tinham uma preocupação ao jogar com o Brasil, seu nome era Leônidas¹⁷². No decorrer da Copa do Mundo na França, as apostas se mostraram acertadas, pois o homem borracha, uma de suas alcunhas, se mostrou ser realmente tudo isso. Foi artilheiro da competição, fez gol descalço e foi considerado o melhor jogador da competição¹⁷³. A seleção brasileira voltava com um terceiro lugar convincente, tanto que notícias estampavam que “quer queira ou não a FIFA, somos campeões”¹⁷⁴ e Leônidas voltava para casa como o grande ídolo nacional.

¹⁷¹*Ibid.* 2 de fevereiro de 1938.

¹⁷²*Ibid.* 12 e 20 de maio de 1938.

¹⁷³Disponível em <<https://www.lance.com.br/copa-do-mundo/caras-das-copas-leonidas-silva-primeiro-destaque-brasileiro.html>>. Acesso em 23/09/2018.

¹⁷⁴*Jornal dos sports*, 20 de junho de 1938.

Conclusão

Leônidas da Silva, o “homem borracha” ou o “Diamante Negro”, sem dúvidas contou com ajuda imprensa, sobretudo do *Jornal dos Sports*, para virar um grande nome do esporte, porém sua idolatria não é uma construção puramente midiática. É consenso de que ele era tecnicamente muito habilidoso e fazia a diferença em campo. Seus números na Copa do Mundo de 1938 não mentem, 8 gols¹⁷⁵ em 7 jogos e bola de ouro da competição¹⁷⁶. Ter começado a carreira no início da década de 1930 no Rio de Janeiro foi particularmente importante. Com as discussões sobre a profissionalização do esporte, o crescimento do rádio e da imprensa esportiva, especialmente aquele setor que estava disposto a defender a inclusão de jogadores negros em espaços como a seleção nacional, o “Diamante Negro” pôde cravar-se como o primeiro ídolo brasileiro em uma Copa do Mundo.

Como mencionado antes, Souza escreve que o mito é aquele que realiza façanhas extraordinárias, que uma pessoa incomum seria incapaz de fazer¹⁷⁷ e que Leônidas se encaixava nesse perfil, pois criava jogadas do nada, consideradas impossíveis e de improviso, no entanto discordo. Não que ele não fizesse tais jogadas, mas acredito que sua condição de mito e ídolo vai bem além disso e tem relação com o efeito espelho. Os arquétipos de malandro e trabalhador, citados como antagônicos e representados por Leônidas da Silva e Domingos respectivamente, tornam os dois jogadores mais fáceis de servirem de projeção para os espectadores, pois são signos muito facilmente identificáveis e que circulavam não só na sociedade brasileira naquela época, como agora também.

Durante todo o processo de escrita desse trabalho, apesar de haver diversos jogadores que traçam paralelos com Leônidas, Adriano foi aquele que mais surgiu em meus pensamentos. Se há quase 10 anos, o “Imperador” não joga, isso não o faz menos ídolo perante o povo. Na verdade, o jogador tem uma história ainda mais peculiar, pois sua carreira como grande jogador internacional foi bem curta, mas mesmo assim sua fama nunca foi embora. Diversas eram as notícias sobre noitadas, estar acima do peso e fora de forma, fazer símbolo de facção criminosa, constantes faltas a treinos, etc¹⁷⁸. A lista é longa. No entanto, sua idolatria ainda hoje permanece e é forte. Por quê?

¹⁷⁵ Aparentemente há fontes que dizem ter sido 7 gols, pois um foi dado como contra anos depois.

¹⁷⁶ Disponível em <<https://www.lance.com.br/copa-do-mundo/caras-das-copas-leonidas-silva-primeiro-destaque-brasileiro.html>>. Acesso em 23/09/2018.

¹⁷⁷ SOUZA, *op. cit.* p.118-120.

¹⁷⁸ Disponível em <<https://www.lance.com.br/futebol-nacional/imperio-agitado-confira-algumas-polemicas-carreira-adriano.html>>. Acesso em 23/09/2018.

Assim como Leônidas, Adriano compartilha da representação do arquétipo do malandro. Não é no trabalho que está a sua alegria, mas no mundo do lazer e das relações pessoais. Sua constante presença e suas fotos na Vila Cruzeiro, favela do Complexo do Alemão onde foi criado, e seu estilo de vida simples o tornam facilmente próximo das classes populares. Por ter dinheiro e fama, mas viver como um trabalhador comum a identificação com o ídolo transforma todas as manchetes e problemas que envolvem esses jogadores muitas vezes em até características de reforço da idolatria, quase parte de uma história mitológica mesmo.

Leônidas da Silva então é ídolo, mas mais ainda, um ídolo popular. No contexto de criação de uma ideia positiva do que é ser trabalhador, ele reúne uma série de ideias que já circulavam há mais tempo na sociedade brasileira e que podem ser compreendidas como uma maneira de sobrevivência e rebeldia no ambiente de progressivo aumento de disciplinarização do povo. O “Diamante Negro” se consolida assim como o espelho das classes populares, que tentavam ganhar o seu sustento vendendo sua força de trabalho, mas que se projetavam em Leônidas e a cada drible, gol ou lance imprevisível sentia como se elas mesmas estivessem triunfando.

Esse trabalho teve como finalidade analisar questões que perpassam o governo de Getúlio Vargas, como o momento de transição do futebol amador para o profissional e a construção de um ídolo nacional que era o oposto das ideias vindas de cima, leia-se governo. Leônidas da Silva aqui se torna o fio-condutor de diversas discussões que estão muito longe de se esgotar nesse trabalho. Aliás, Domingos da Guia, Hércules ou Fausto, pouco mencionado, mas que sozinho já merece um estudo à parte, são por si só personagens que podem servir também de reflexões para muitas outras questões do tempo deles.

Domingos se envolveu em uma confusão com um juiz na Argentina que o faz levar meses de suspensão quando jogava no Boca Juniors¹⁷⁹ e também foi “convidado a se retirar” do Bangu quando flertou com outros clubes¹⁸⁰, porém a historiografia sempre o representa como o trabalhador exemplar e o apolíneo, racional e *gentleman* até na maneira de jogar. A memória que ficou do “Divino Mestre” esquece esses episódios. Não é a intenção desse trabalho buscar a resposta do porquê, mas levantar a reflexão acerca disso e sinalizar isso como um caminho a ser explorado.

Hércules, por exemplo, levanta um questionamento diferente. Não encontrei menções da cor da sua pele, chegando a acreditar que era branco, já que ela não era mencionada. Meu

¹⁷⁹*Jornal dos sports*, 21 de maio; 17 de julho de 1936.

¹⁸⁰PEREIRA, *op. cit.* p.303.

raciocínio seguia no sentido de que os grandes jogadores negros da época acabavam ganhando alcunhas relacionadas ao seu tom de pele ou eram sempre citados como negros, com Hércules isso não ocorria. No entanto, encontrei blogs apontando que o Fluminense tinha proibido a entrada de jogadores em sua sede social por causa de seu casamento com uma filha de um dos associados, causando escândalo no clube, pois um negro se casava com um dos seus¹⁸¹. Essa informação se repete em vários blogs, mas não encontrei outra fonte que fosse confiável o suficiente para afirmar isso, logo acredito que o jogador era provavelmente pardo, tendo um dos pais negros pela tonalidade de sua pele. Só essa informação já rende muita discussão sobre a representação do negro no futebol dos anos 1930.

Fausto, a “Maravilha Negra”, mencionado no capítulo 1, mas que por falta de espaço não pôde ser bem aprofundado é um caso triste do futebol brasileiro. Grande jogador já antes mesmo de Domingos e Leônidas estourarem em 1931-1932, tem um fim trágico e mostra a fragilidade ainda em torno da profissão. Por causa de desentendimentos com as táticas de Kruschner e não querer se adequar a um novo esquema de jogo acaba sendo afastado pela diretoria. Logo em seguida fica doente e nunca mais volta a jogar, morrendo por complicações de uma tuberculose em 1939. Souza o descreve como mais rebelde do que Leônidas. Ou seja, seu temperamento, somado a sua cor sem dúvidas o castigou¹⁸².

Assim, espero que esse trabalho tenha mostrado as diversas possibilidades de estudos e reflexões que não só o futebol, mas os esportes como um todo podem proporcionar. O futebol é campo de negociações e conflitos, representações e apropriações. Como reflexo da sociedade, nos ajuda a compreender as questões e as representações presentes em um espaço-tempo específico. Dito isso, espero que o campo de estudo em torno dessa área possa se expandir e que esse trabalho encoraje outros a tal.

¹⁸¹Disponível em <<http://www.historiador dofutebol.com.br/antigo.php?secao=herculesmiranda>>. Acesso em 23/09/2018.

¹⁸²SOUZA, *op. cit.* p.110-11.

Imagens



Imagem 5: Visita de Leônidas (na primeira fileira o segundo da esquerda para a direita, de terno escuro) ao centro de detenção para a distribuição de cigarros Magnólia¹⁸³.



Imagem 6: Leônidas (primeiro à direita) visita a pensão da família Figueiredo em Piedade, onde uma de suas urnas foi inaugurada¹⁸⁴.

¹⁸³ *Jornal dos sports*, 21 de novembro de 1937.

¹⁸⁴ *Ibid.* 11 de dezembro de 1937.



Imagem 7: Foto tirada em um treino para a preparação para a Copa do Mundo de 1938 em Caxambu. Hércules é o que está amarrando os cadarços, o terceiro da esquerda para a direita agachado. Leônidas é o segundo da direita para a esquerda agachado¹⁸⁵.



Imagem 8: Foto em um navio na Copa de 1938. Domingos é o primeiro da esquerda para a direita¹⁸⁶.

¹⁸⁵ Disponível em <<https://www.cbf.com.br/selecao-brasileira/torcedor/jogos-inesqueciveis/leonidas-da-silva-da-show-contra-a-suecia-em-1938>>. Acesso em 24/09/2018.

¹⁸⁶ *Ibid.*



Imagem 9: Multidão recebe os jogadores brasileiros no Rio de Janeiro na volta para casa após a conquista do terceiro lugar em 1938¹⁸⁷.

¹⁸⁷*Ibid.*

Fontes

Periódicos

FOLHA ONLINE. Esporte. *Copa 2006: Todos os brasileiros*. 2005. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/especial/2006/copa/todos_os_brasileiros-h.shtml>.

Acesso em 27 set.2018.

JORNAL DOS SPORTS, jan. 1935 – jul.1938.

LANCE. Leônidas da Silva, o primeiro destaque brasileiro. Disponível em <<https://www.lance.com.br/copa-do-mundo/caras-das-copas-leonidas-silva-primeiro-destaque-brasileiro.html>>. Acesso em 23/09/2018.

_____. Império agitado: confira algumas polêmicas na carreira de Adriano. Disponível em <<https://www.lance.com.br/futebol-nacional/imperio-agitado-confira-algumas-polemicas-carreira-adriano.html>>. Acesso em 23/09/2018.

Sites e Blogs

CBF. Leônidas da Silva dá show contra a Suécia em 1938. *Jogos inesquecíveis*. Disponível em: <<https://www.cbf.com.br/selecao-brasileira/torcedor/jogos-inesqueciveis/leonidas-da-silva-da-show-contra-a-suecia-em-1938>>. Acesso em 24/09/2018.

DRUMMOND, Maurício. Getúlio Vargas, São Januário e o 1º de Maio. *Ludopedio*. Disponível em: <<https://www.ludopedio.com.br/arquibancada/getulio-vargas-sao-januario-e-o-1o-de-maio/>> Acesso em: 23 de Agosto de 2018.

HISTORIADOR DO FUTEBOL. Hércules, ex-ponta-esquerda do Juventus-SP, São Paulo da Floresta-SP, Independente-SP, Fluminense-RJ, Corinthians-SP, Seleção Paulista, Seleção Carioca e Seleção Brasileira. Disponível em: <<http://www.historiador dofutebol.com.br/antigo.php?secao=herculesmiranda>>. Acesso em 23/09/2018.

WILSON BATISTA, *Lenço no pescoço*, 1933. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/wilson-batista/386925>>. Acesso em 23/09/2018.

_____. *O bonde de São Januário*, 1940. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/wilson-batista/259906/>>. Acesso em 23/09/2018.

SITE OFICIAL DO FLUMINENSE FC. Disponível em:
<<http://www.fluminense.com.br/sobre/idolos>>. Acesso em 27 set.2018.

Referências Bibliográficas

- ASSAF, Roberto; MARTINS, Clóvis. *Campeonato Carioca – 96 Anos de História*. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1997.
- CALLEIA, Fábio da Silva. Colocando o malandro para trabalhar: A intervenção política no carnaval. *Revista Libertas*. Faculdade de Serviço Social, UFJF, Juiz de Fora, v.11, n.1, jan.jul.2011.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- COELHO, Paulo Vinícius. A influência estrangeira. *Escola brasileira de futebol*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018, p.31-40.
- COUTINHO, Renato Soares. *Um Flamengo grande, um Brasil maior: o Clube de Regatas do Flamengo e a construção do imaginário político nacionalista popular (1933-1955)*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2014.
- DRUMOND, M. Os gramados do Catete: futebol e política na Era Vargas (1930-1945). In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SANTOS, Ricardo Pinto dos (orgs.). *Memória Social dos Esportes – Futebol e Política: a construção de uma identidade nacional*. Rio de Janeiro: Mauad Editora / FAPERJ, 2006.
- _____. *Estado Novo e Esporte: Uma análise comparada dos usos políticos do esporte nos regimes de Getúlio Vargas e Oliveira Salazar (1930-1945)*. 2013.222f. Tese (Doutorado em História Comparada) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.
- EL EFECTO. O Drama da Humana Manada. *Memórias do fogo*. 2018. Disponível em:
<<http://www.elefecto.com.br/discografia/letrasElEfectoMemoriasDoFogo.pdf>>.
Acesso em 29 de Set. de 2018.
- FERREIRA, Jorge. *Trabalhadores do Brasil: O imaginário popular (1930-1945)*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2011.

- FIGOLS, Victor de Leonardo. O estádio como espaço de afirmação do nacionalismo catalão. *Projeto História*, São Paulo, n. 49, pp. 347-379, Abr. 2014. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/19897/15633>> Acesso em 19 de Julho de 2018.
- FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A Dança dos Deus: Futebol, Cultura e Sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- GALEANO, Eduardo. *Futebol ao sol e à sombra*. Porto Alegre: L&PM, 2015.
- GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- GOMES, Angela de Castro. *A invenção do trabalhismo*. Rio de Janeiro: FGV, 3ª Ed. 2005.
- _____. Ideologia e Trabalho no Estado Novo. In: PANDOLFI, Dulce. (Org.) *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999, 53-72.
- GORDON JUNIOR, Cesar. História social dos negros no futebol brasileiro. *Pesquisa de Campo/ Revista do Núcleo de Sociologia do Futebol*. Rio de Janeiro, UERJ, n.2, p.71-90, 1995. Disponível em: <<https://www.ludopedio.com.br/biblioteca/historia-social-dos-negros-no-futebol-brasileiro/>>. Acesso em: 19 de Julho de 2018.
- GUEDES, Simoni Lahud. Discursos autorizados e discursos rebeldes no futebol brasileiro. *Esporte e Sociedade*. ano 5, n.16, Nov.2010/Fev.2011. Universidade Federal Fluminense.
- LOPES, José Sérgio Leite. Classe, etnicidade e cor na formação do futebol brasileiro. In: BATALHA, Claudio H.M.; da SILVA, Fernando Teixeira; FORTES, Alexandre (Org.). *Culturas de Classe: Identidade e Diversidade na Formação do Operariado*. São Paulo: Editora Unicamp, 2005.
- MORAES, Hugo da Silva. Jogadas insólitas: amadorismo, profissionalismo e os jogadores de futebol do Rio de Janeiro (1922-1924). *Esporte e Sociedade*. São Gonçalo, Universidade do Estado do Rio de Janeiro - FFP, ano 5, n.16, Nov.2010/Fev.2011.
- MURAD, Maurício. Corpo, Magia e Alienação - O negro no futebol brasileiro: Por uma interpretação sociológica do corpo como representação social. *Pesquisa de Campo/ Revista do Núcleo de Sociologia do Futebol*. Rio de Janeiro, UERJ, n.0, pp. 71-78, 1994.
- NOVAES, José. Um episódio de Produção de Subjetevidade no Brasil de 1930: Malandragem e Estado Novo. *Psicologia em Estudo*. Maringá, v. 6, n. 1, pp.39-44, jan./jun. 2001. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/pe/v6n1/v6n1a05.pdf>. Acesso em: 27 de Novembro de 2016.

- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do Futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)*. 1998. 380 f. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.
- PEREIRA, Miguel Lourenço. Engenharia Genética do Futebol Brasileiro: Como os treinadores húngaros mudaram o DNA do jogo bonito. *Corner*. n.6. 2018, p.28-31.
- RIBEIRO, André. *O Diamante Eterno: Biografia de Leônidas da Silva*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Gryphus, 1999.
- RODRIGUES FILHO, Mário. *O negro no foot-ball brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmão Pongetti Editores, 1947.
- SOUZA, DenaldoAlchorne de. *O Brasil entra em campo!: construções e reconstruções da identidade nacional no Brasil (1930-1947)*. São Paulo: Annablume, 2008.
- VICENTE, Eduardo. *A música popular sob o Estado Novo (1937- 1945)*. Versão revisada do Relatório Final da Pesquisa de Iniciação Científica PIBIC/ CNPq realizado na Universidade de Campinas em janeiro de 1994. São Paulo, 2006.